

FERNANDA FERNANDES DA SILVA

**TROCANDO SABERES E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS: A  
PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES DA EFA PAULO FREIRE NA TROCA DE  
SABERES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2018

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

S586t  
2018  
Silva, Fernanda Fernandes da, 1989-  
Trocando saberes e construindo conhecimento : a  
participação de estudantes da EFA Paulo Freire na Troca de  
Saberes / Fernanda Fernandes da Silva. – viçosa, MG, 2018.  
ix, 65f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Edgar Pereira Coelho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.56-58.

1. Escola rural. 2. Estudantes - Atividades. 3. Educação.  
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação.  
Programa de Pós-graduação em Educação. II. Título.

CDD 22 ed. 370.91734

FERNANDA FERNANDES DA SILVA

**TROCANDO SABERES E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS: A  
PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES DA EFA PAULO FREIRE NA TROCA DE  
SABERES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de Magister Scientiae.

APROVADA: 07 de Fevereiro de 2018

---

Marcelo Loures dos Santos

---

Arthur Meucci

---

Eduardo Simonini Lopes  
(Coorientador)

---

Edgar Pereira Coelho  
(Orientador)

Dedico este trabalho ao meu amado filho João Pedro, fonte de inspiração e incentivo para sonhar a conclusão desse trabalho. Foi por você, filho!

*“Não é preciso ser filho de doutor, o jovem do Campo também seu valor”.*

(música cantada na EFAP em uma das visitas a campo).

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que define esse momento em minha vida, esse momento que cheguei a pensar infinitas vezes que não iria se concretizar. Mas, graças aos anjos que me guardou, finalizo essa etapa com louvor.

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus, que me amparou durante todo esse tempo e me abençoou com orientadores e pessoas tão especiais durante essa etapa.

À minha mamãe Maria, doce mulher, que eu amo e admiro, pois sem ela nada disso seria possível, seu apoio foi incondicional. Ao meu pai, por sempre me incentivar a estudar. E ao meu irmão Ulisses, pela amizade e por sempre torcer por mim.

Ao Douglas, por ser meu amigo, meu namorado, pai do meu filho, meu companheiro. Obrigada por tudo.

Ao meu orientador, Professor Edgar Pereira Coelho, por ser esse homem de luz e pela paciência que teve comigo nesses anos que não foram fáceis para mim e me compreendeu em toda mudança de vida.

Ao meu querido, coorientador, Professor Eduardo Simonini, que me acolheu, me recebeu de braços abertos e me ajudou a tornar esse sonho possível. Serei eternamente grata por todas as orientações, conselhos e paciência.

Ao professor Arthur Meucci e Marcelo Loures pelas contribuições em meu trabalho.

Aos colegas da turma de mestrado 2015, pela agradável convivência e por compartilharem comigo os vários momentos de alegria e de aflição que passei ao longo desses dois anos. Em especial, Thaís de Souza e Layla Mattos que sempre se prontificaram a me ajudar e fizeram toda diferença.

Aos professores e aos funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa.

A Escola Família Agrícola Paulo Freire, em especial aos alunos e funcionários por me receberem tão bem e por contribuírem com minha pesquisa.

Ao Gilmar, esse “trem esquisito” por toda prontidão e disponibilidade.

À Carla e Heber Amaral, que chegaram como uma luz irradiante, quando eu pensava não haver mais forças para seguir. Anjos de Deus na terra.

Enfim, a todos vocês que contribuíram para a conclusão de mais um ciclo da minha vida: Obrigada! Eu amo vocês!

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### 1. Lista de Quadros

Quadro I – Censo 2010 Município de Acaiaca/Minas Gerais.....	12
Quadro II – Número de Inscritos entre os anos de 1929 e 1948.....	32
Quadro III – Instalações Pedagógicas das edições da Troca de Saberes (UFV).....	40

### 2. Lista de Figuras

Figura 1 – Fachada da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP).....	21
Figura 2 - Pedagogia da Alternância.....	21
Figura 3 – Sistema de funcionamento da Alternância e seus Instrumentos Pedagógicos.....	24
Figura 4 - Quadro de Planejamento “Tempo-Escola” da EFAP (2017).....	26
Figura 5 - Ambiência (A) da Instalação Pedagógica: (De) Lírios da Poesia e Paulo Freire.....	36
Figura 6 – Ambiência (B) da Instalação Pedagógica: (De) Lírios da Poesia e Paulo Freire.....	36
Figura 7 – Círculo de Cultura na IPED: (De) Lírios da Poesia e Paulo Freire.....	37
Figura 8 - Evento: Formação de Monitores.....	43
Figura 9 - Momento de Intervalo na Semana Paulo Freire (2013).....	43
Figura 10 – Evento: Semana Paulo Freire: aplicação da Técnica do Teatro do Oprimido.....	44
Figura 11 – Instalação Pedagógica: educação musical (2013).....	44
Figura 12 – Instalação Pedagógica: Cátedra Paulo Freire (2017).....	45
Figura 13 – Mesa da Partilha (2017).....	49

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- AES** – Associação dos amigos do Espírito Santo
- AMEFA** - Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas
- AREFAP** – Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire
- CNBB** - Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil
- CEB** – Comunidade Eclesial de Base
- CTA- ZM** – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
- EFA** - Escola de Família Agrícola
- EFAP**- Escola Família Agrícola Paulo Freire
- ENERA** - Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária.
- ESAV** - Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais
- IPED's** – Instalações Artísticas Pedagógicas
- JAC** - Juventude Agrícola Católica
- LICENA** – Licenciatura em Educação do campo da Universidade Federal de Viçosa
- MEC** – Ministério da Educação
- MEPES** - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo.
- MFR**- Maison Familiares Rurales.
- MCP** – Movimento de Cultura Popular.
- MST** – Movimento Sem Terra.
- MAB** – Movimento dos atingidos por barragens
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PND** – Plano Nacional de Desenvolvimento
- SESI** – Serviço Social da Indústria.
- SESU** - Secretaria de Educação Superior.
- STR** – Sindicato dos trabalhadores rurais.
- TEDEM** – Teclado Didático para Educação Musical
- TEIA** – Programa de extensão universitária.
- UFV** – Universidade Federal de Viçosa.
- UnB** – Universidade de Brasília.
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
- UNEFAB** - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil.
- UNMFR** – União Nacional Maisons Familiares Rurales.

## RESUMO

SILVA, Fernanda Fernandes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2018. **Trocando Saberes e Construindo Conhecimentos: A participação de estudantes da EFA Paulo Freire na Troca de Saberes.** Orientador: Edgar Pereira Coelho. Coorientador: Eduardo Simonini Lopes.

A presente pesquisa tem como temática central problematizar a participação do jovem estudante de EFA, mais especificamente jovens da Escola Família Paulo Freire na Troca de Saberes, evento que se realiza na programação da Semana do Fazendeiro, da Universidade Federal de Viçosa. A proposta do estudo foi acompanhar, observar e analisar a movimentação dos estudantes durante a realização da Troca de Saberes, com o intuito de identificar quais os benéficos que essa participação pode ou não trazer para a formação do estudante, bem como estes sujeitos significam o espaço. Essa dissertação de caráter qualitativo apropriou-se dos seguintes instrumentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental, a observação dos jovens durante a realização da Troca de Saberes e a realização de entrevista a fim de seguir “aquilo que *eles* experimentam, o modo como *eles* interpretam as suas experiências e o modo como *eles* próprios estruturam o mundo social em que vivem” (Bogdan e Bicklen, 2001. p. 51). Como resultado dessa pesquisa, constatou-se que os jovens têm na Troca de Saberes um lugar de encontro e que auxilia na formação do jovem enquanto cidadão e responsável pelas questões econômicas e sociais do Campo.

## ABSTRACT

SILVA, Fernanda Fernandes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2018. **Knowledge Exchange and Knowledge Construction: The Participation of young EFA students in Knowledge Exchange.** Advisor: Edgar Pereira Coelho. Co-advisor: Eduardo Simonini Lopes.

The present research is focused on the participation of young EFA students, mainly young people from the Escola Família Paulo Freire in Troca de Saberes (Knowledge Exchange), an event held during the Farmer's Week, at the Universidade Federal de Viçosa. This study aimed to monitor, observe and analyze the behavior of the students during the development of the Troca de Saberes, in order to identify whether they benefited from the participation and what contributions were obtained for their professional training, besides the meaning these students attributed to that environment. The methodological instruments used in this qualitative dissertation were bibliographical and documentary research, observation of the young people during the realization of the Troca de Saberes and interviews, so as to understand "what *they* experience, *how they* interpret their experiences, and how they themselves organize the social world in which they live "(Bogdan and Bicklen, 2001: 51). This research demonstrated that, for those young people, Troca de Saberes is a place for encounters that enrich their training as citizens who are responsible for the economic and social issues of the Rural environment.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE 1 – DA HISTÓRIA DAS EFAS À EFA PAULO FREIRE.....	5
1.1 Da França ao Brasil.....	6
1.2. A história da EFA Paulo Freire.....	12
1.3. Paulo Freire: o educador popular, seu exílio e seu retorno.....	15
1.4 A dinâmica e organização da EFAP .....	20
PARTE 2 - O MOVIMENTO DAS EFAS À SEMANA DO FAZENDEIRO.....	28
2.1 A Semana do Fazendeiro: quando tudo começou.....	28
2.2 A Troca de Saberes .....	34
PARTE 3 – OS ESTUDANTES DA EFAP NA TROCA DE SABERES.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXOS .....	59
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE CONSULTA AOS DOCUMENTOS DA ESCOLA E REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS.....	61
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: PAIS E RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES.....	62
ANEXO C - TERMO DE ASSENTIMENTO: ESTUDANTES.....	63
ANEXO D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	65

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta as reflexões de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, na qual busquei analisar a participação e envolvimento dos jovens educandos da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) no evento Troca de Saberes. A Troca de Saberes é um evento que se realiza atualmente uma vez por ano, com duração de quatro dias, dentro da programação da Semana do Fazendeiro<sup>1</sup>, e tem como objetivo principal promover uma troca de conhecimentos entre o saber camponês e o saber universitário.

Na realização deste propósito, apresento<sup>2</sup> a 8ª e 9ª edição da Troca de Saberes, realizadas no ano de 2016 e 2017, como meu campo de estudo com o objetivo principal de acompanhar como os jovens pesquisados significam aquele espaço. Especificamente, busquei investigar as motivações e expectativas dos estudantes da EFAP em relação ao evento. Foquei meu estudo no ato de problematizar a participação daqueles estudantes em dois momentos da Troca: nas Instalações Pedagógicas e no(s) Círculo(s) de Cultura. Busquei ainda averiguar se a metodologia utilizada pela Troca de Saberes tem propiciado o diálogo desses estudantes com diferentes grupos envolvidos naquele espaço.

Meu interesse por este tema advém da minha trajetória acadêmica no curso de graduação em Pedagogia. Ao longo de minha formação, pensava a educação em diferentes óticas, sempre à procura de um lugar ou uma forma de fazer o processo ensino-aprendizagem diferente daquele que vivi desde a Educação Básica do ensino regular. E dentro deste cenário de sonhos e utopias de uma estudante em formação, tive a oportunidade, através de um projeto de extensão, de conhecer uma escola “diferente” das quais eu já havia frequentado. Em Abril de 2012, fui selecionada à desenvolver e acompanhar um projeto de extensão em uma Escola Família Agrícola (EFA), a Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP).

De acordo com Silva (2009), as EFAs são escolas direcionadas e preparadas para receber educandos que vivem num contexto rural. E pensando na realidade do jovem que vive no campo, essas escolas se organizam em regime de Alternância, onde os educandos alternam tempos e espaços, ou seja, em um período de geralmente quinze

---

<sup>1</sup> Evento que no ano de 2017 realizou a sua 88ª edição. Este evento será detalhado mais a frente no texto.

<sup>2</sup> Ao longo do texto, usaremos o tempo verbal na primeira pessoa, quando se tratar objetivamente da pesquisadora.

dias eles vivenciam a aprendizagem na escola (“tempo-escola”) e o outro período, de iguais quinze dias, em sua comunidade (“tempo-comunidade”), aplicando os conteúdos e técnicas aprendidos no “tempo-escola”. Além disso, descobri um universo diferente daquele que eu acreditava ser único. Visualizava naquele local o educador e o educando sentados juntos numa mesa para tomar café, a construção do conhecimento acontecia em todo lugar, fora e dentro da sala de aula, entre os corredores da escola, na fila pra almoçar. Não havia um lugar específico para se tirar uma dúvida, para fazer um comentário sobre as aulas. “A sala de aula” era em todo lugar, na sombra de uma árvore, na horta da escola, ou numa simples roda de conversa. Portanto, essa vivência se tornou fonte de inquietude e despertar para minha formação como pedagoga.

Envolvida naquele projeto, ao longo de dois anos, participei também de diversos eventos promovidos pela própria escola e/ou em atividades em que a escola era convidada a participar. Ao participar da Semana do Fazendeiro em 2012, juntamente com os adolescentes da EFA Paulo Freire, percebi a movimentação desse grupo para estar presente na “Troca de Saberes”. Foi, então, que me questionei: *como aqueles jovens significavam aquele espaço? Quais eram as motivações deles em participar? Por que estar presente na Troca de Saberes?* Foram estas perguntas que amadureceram em mim o interesse de estudar a Troca de Saberes e fundamentalmente mediaram a escrita dessa dissertação e foram de fundamental importância na construção dos apontamentos aqui descritos.

Metodologicamente, a pesquisa qualitativa se tornou apropriada neste estudo, uma vez que o objeto do mesmo é de natureza social e relacional, onde busco através da observação analisar as motivações, as interações e significados produzidos pelos sujeitos pesquisados (Minayo, 2001). Ou seja, através da pesquisa qualitativa busco seguir “aquilo que *eles* experimentam, o modo como *eles* interpretam as suas experiências e o modo como *eles* próprios estruturam o mundo social em que vivem” (PSATHAS, 1973). Desse modo, esta pesquisa contou com visitas à escola pesquisada (a saber, Escola Família Agrícola Paulo Freire – EFAP) e com minha participação junto aos jovens da EFAP durante a 8ª e 9ª edições da Troca de Saberes, como mencionado.

Somado a isto, sendo esse estudo de natureza qualitativa, vale acrescentar ainda o que Barbosa, Moura, Oliveira e Pontes (2008, p.7), dizem a respeito da pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa leva-a compreensão dos significados dos eventos, sem a necessidade de apoiar-se em informações estatísticas. Esse tipo de pesquisa

adota a fenomenologia como base científica para moldar a compreensão da pesquisa, respondendo a questões dos tipos “o quê?”, “por quê?” e “como?”. Geralmente, a pesquisa qualitativa analisa pequenas amostras, não necessariamente representativas da população, procurando entender as coisas, em vez de mensurá-las.

Portanto, visando um melhor caminho para a realização dessa pesquisa, esta proposta de trabalho iniciou na efetivação das seguintes etapas: a primeira etapa constituiu na pesquisa bibliográfica e na análise documental das edições anteriores da Troca de Saberes da UFV e dos materiais de mídia do evento, bem como da história da Semana do Fazendeiro. A segunda etapa constituiu em visitas a EFAP, onde realizei as entrevistas e procurei observar também o cotidiano dos jovens estudantes, bem como a escola se organiza, com o intuito de compreender em quais circunstâncias e/ou momentos as vivências e experiências experimentadas na Troca de Saberes aparecem no dia a dia da escola e se são utilizadas para beneficiar a formação dos jovens. A terceira etapa consistiu em observar e acompanhar os estudantes da EFAP durante a realização da 9ª edição da Troca de Saberes, em julho de 2017.

Portanto, para a realização desse trabalho, utilizei como recurso metodológico e instrumentos para a construção dos dados: 1) a pesquisa documental e bibliográfica; 2) a observação; 3) a realização de entrevistas; 4) a narrativa; 5) a análise e a interpretação das informações coletadas.

Nesse estudo, a pesquisa documental realizada incide na busca que realizei em materiais de mídias do evento, banner, cartazes, folders e fotografias, ou seja, busquei informações que pudessem complementar este estudo, no que se refere à compreensão da participação dos jovens estudantes de EFA no evento Troca de Saberes.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc (FONSECA, 2002, p. 32).

Concomitante à pesquisa documental, realizei a pesquisa bibliográfica que incide sobre pesquisas em outras produções (artigos científicos, dissertações e livros) realizadas sobre o evento. Com a intenção de recolher dados sobre a história da Troca de saberes, bem como o histórico da Semana do Fazendeiro e como se deu o surgimento da Troca de Saberes nesse evento tradicionalmente inclinado para os interesses do agronegócio.

A fase de observação ocorreu durante as visitas na EFAP e durante a 9ª edição da Troca de Saberes. Nos momentos de observação na EFAP, procurei ver, ouvir e sentir o

cotidiano dos alunos, as conversas, as dinâmicas, os debates, etc. Com o intuito de conhecer o espaço que esses jovens dividem, de que forma se organizam e se relacionam. Durante a Troca de Saberes procurei observar a participação desses jovens durante os círculos de cultura e as instalações pedagógicas, com o intuito de averiguar a motivação, os sentimentos e o envolvimento dos jovens nas questões apresentadas e trabalhadas no evento.

A fase seguinte da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com os estudantes da EFAP e também com o diretor da escola, com o intuito de compreender fatores a respeito da história da EFAP, bem como essa instituição se organiza e se articula. Estas foram registradas por meio de gravações de áudio e buscaram ressaltar a opinião e a compreensão do jovem estudante de EFA sobre sua participação num evento pautado por questões agroecológicas e sociais, e fundamentalmente, o que se pode aprender e vivenciar num evento como esse.

Vale ressaltar que entendo a entrevista não somente como uma forma de coletar dados, mas essencialmente como uma possibilidade de dialogar com um sujeito, numa perspectiva mais aberta, dialógica e conectiva. Conforme explica Triviños (1987), a entrevista semi-estrutura possibilita um amplo campo de interrogações a partir das respostas dos entrevistados, oportunizando assim um diálogo mais espontâneo entre pesquisador e entrevistado.

Após esse momento realizei a análise e interpretação dos dados e informações coletadas nas fases anteriores. Concomitante a isso, aproprio-me também da narrativa de inspiração etnográfica como método para a realização desse trabalho, visto que pretendo a partir da minha experiência com as Escolas Família Agrícola e com a Troca de Saberes reconstruir os fatos das histórias pessoais e como os estudantes entrevistados experienciam o evento pesquisado. Retomo, portanto, o conceito de Galvão (2005) onde elucida que a “narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo” (p. 328).

A narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo. (GALVÃO, p. 330).

Dessa forma, sobre a narrativa como método de pesquisa Cunha (1997, p. 188) explica que:

A trajetória da pesquisa qualitativa confirma o fato de que tanto o relato da realidade produz a história como ele mesmo produz a realidade (...). Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito.

Além disso, vale ressaltar que narrativas não são meras descrições da realidade, são especificamente uma forma do indivíduo organizar e interpretar sua realidade, produzindo conhecimento sistematizado através dele (CUNHA, 1997).

No decorrer do texto o uso de fotografias será feito dentro de um enfoque em que a imagem não é apenas um aspecto de ilustração para o texto, mas, sobretudo, um texto. As imagens serviram de auxílio ao que será explicado e descrito no texto. A imagem como texto proporcionará ao leitor a visibilidade do evento e dos ambientes citados.

Em atendimento a questões de caráter ético, os nomes dos observados e entrevistados foram substituídos por nomes fictícios (Gabriela, Ulisses, Érica, Thaís, Tiago, Vaneza) no sentido de resguardar a privacidade de todos os participantes da pesquisa<sup>3</sup>.

A intenção, então, além de compreender a participação do jovem enquanto sujeito do Campo na realização da Troca de Saberes, almejo contribuir para o enriquecimento de produções sobre a EFAP, bem como a realidade do jovem estudante de EFA, suas lutas e, sobretudo sobre o trabalho desenvolvido pela escola, oferecendo a esta, visibilidade acadêmica e subsídios para o aprimoramento de seus documentos oficiais, contribuindo para futuras pesquisas e ações práticas no cotidiano da escola.

Desse modo, para chegarmos ao contexto da EFAP, é preciso desvendar os caminhos da história que originaram a ideia, o projeto e a materialização efetiva dessa escola do/para o Campo. Para isso, a problemática desse estudo se inicia com o entendimento de onde, quando e como surgiu o modelo Escola Família Agrícola e, sobretudo, como surgiu a Escola Família Agrícola Paulo Freire.

## **PARTE 1 – DA HISTÓRIA DAS EFAS À EFA PAULO FREIRE.**

### **1.1 Da França ao Brasil**

A história das EFA's no nosso país teve início no final da década de 1960, no Estado do Espírito Santo inspiradas no modelo francês das *Maisons Familiales Rurales*

---

<sup>3</sup> Ver em anexos: Autorização; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos alunos.

(MFR). As *Maisons Familiales Rurales* surgiram na década de 1930, em uma comunidade rural, no sudoeste da França, na cidade Lot-et-Garone. Após a I guerra Mundial, o cenário que caracterizava o momento vivenciado no país era o êxodo rural e o abandono dos pequenos produtores de suas terras, “somados à mecanização agrícola e crise de mercados”, conforme destaca (Pacheco, 2016. p. 2).

O Estado não assistia as populações do campo em termos de políticas públicas e era oferecida uma educação urbanocêntrica. As escolas onde os jovens do meio rural poderiam estudar os afastavam de seu contexto sócio familiar e não lhes proporcionava uma formação adequada ao seu meio de vida. Eles viviam uma condição que os obrigava a sair da propriedade familiar para poder estudar na cidade, cujo processo formativo não atendia às demandas do meio rural, além de forçá-los a abandonar o trabalho familiar. (PACHECO, 2016. p.2)

Esse fato mobilizou um grupo de famílias de pequenos agricultores em busca de alternativas de formação para seus filhos. Sendo essa formação aliada aos interesses do povo do campo, tais como a permanência, a formação técnica e ao desenvolvimento da região. Auxiliados e encorajados pelo Padre l'Abbé Granereau, que segundo Pacheco (2016), era um padre já engajado em questões do mundo rural francês desde 1911 quando participou da fundação de um sindicato rural, “atribuindo à educação um papel fundamental na solução de problemas agrícolas” (PACHECO, 2016. p. 2). Organizaram um modelo de escola que propunha em seu projeto pedagógico a alternância entre o ensino (no centro de formação) e a formação técnica (na propriedade e na comunidade rural).

A partir de conversas entre Pe. Granereau e as famílias de agricultores foi possível elaborar uma lógica de funcionamento que satisfizesse os anseios desse grupo. Ou seja, foi definido que os jovens ficariam juntos e na companhia do padre durante um período do mês em tempo integral, e em outra parte do mês permaneceriam na propriedade de suas respectivas famílias. (PACHECO, 2016.p.3)

Desse modo, vale ressaltar que a origem das *Maisons Familiales Rurales* não nasceu de forma espontânea, surgiram conectadas e aliadas a diversos atores que permeavam a sociedade francesa naquela época, Conforme explica Pacheco (2016, p. 4-5) “ela nasceu do trabalho voltado para o catolicismo social do fim do século XIX, e este, por sua vez, estava ligado a um sindicalismo agrícola que se relacionava com os movimentos da juventude”. Nosella (2012, p. 49) reforça:

Outro aspecto característico da *Maison Familiale* é que sempre manteve uma relação muito estreita, primeiramente, com os sindicatos rurais e, em segundo lugar, com o movimento da Ação Católica Francesa a (JAC) Juventude Agrícola Católica. Isto significa que a *Maison Familiale* nunca foi uma escola isolada da ação e desenvolvimento socioeconômico de seu meio.

A experiência inicial atendeu “apenas cinco jovens com idade entre 13 e 15 anos, que passavam três semanas em sua propriedade e uma semana internado nas dependências da igreja” (ALMADA, 2005. p. 43). Após dois anos em que essa prática vinha funcionando com êxito e conseqüentemente atraindo o número de interessados (filhos de outros produtores), os pais agricultores se reuniram em associação para a compra de uma propriedade na cidade de Lauzun, para a construção de uma casa onde se daria a criação da primeira *Maison Familiale Rurale*. Sendo essa, portanto, a experiência que deu origem as primeiras práticas ao que se configurou em Escolas de Família Agrícola e em Pedagogia da Alternância<sup>4</sup> ao redor do mundo.

Essa experiência inicial tinha como propósito “desenvolver um processo educativo que respondesse as necessidades de formação dos jovens para que eles se tornassem responsáveis pela propriedade e, também, se engajassem na melhoria do meio rural”. Desse modo, a primeira MFR estabeleceu a Alternância (de tempos e espaços / teoria e prática) como proposta de um novo modo de organização da prática educativa capaz de integrar a aprendizagem da prática agrícola realizada nas propriedades rurais e a formação escolar (SILVA, 2012).

Nesse modelo de escola, além da alternância podemos destacar alguns princípios e/ou características de estruturação e funcionamento: a) responsabilidade dos pais e da comunidade local sobre o processo formativo na Pedagogia da Alternância, b) diálogo entre os conhecimentos escolares e aqueles oriundos do trabalho familiar na propriedade rural e c) alternância formativa realizada entre a Escola-Família e a comunidade onde vivem os jovens (NOSELLA, 2012)

Segundo Pacheco (2016), a alternância é, pois, um elemento que vem junto ao surgimento das MFRs, isto é, a Alternância não foi gerada a partir de teorias, foi gerada empiricamente, a partir da vivência e necessidade da população campesina daquela época. GIMONET (2007) e RIBEIRO (2010) destacam também que os fundadores das primeiras MFRs não se basearam em nenhuma teoria acadêmica nem em modelo de escola já existente, tampouco havia formação pedagógica para criar uma escola. Portanto, Pacheco (2016, p. 4) explica que “marcados, pois, por um caráter experimental, os cursos nas MFRs, inicialmente, não tinham nenhum currículo pré-

---

<sup>4</sup> O projeto inicial da Pedagogia da Alternância nasceu a partir das primeiras experiências nas Maisons Familiales Rurales (MFRs), onde se pensava apenas num modo de organização no processo educativo para os jovens rurais, de modo que estes pudessem dar continuidade aos estudos. Portanto, naquele momento criaram uma proposta educativa em que se alternava os tempos e espaços do trabalho prático na propriedade agrícola e da formação teórica na escola (Silva, 2003).

definido; eram orientados apenas pelo padre e os materiais utilizados vinham de cursos de agricultura, a partir de doações de um instituto católico e com conteúdo totalmente técnico-agrícola”.

Um pouco mais tarde, por volta de 1942, as MFR começaram a construir o seu currículo próprio. Pacheco (2016, p. 4) ressalta que “as Maisons se apoiavam, portanto, na proposta de formação técnica e de modos de pensar dos jovens. A formação técnica se referia ao aprendizado, aperfeiçoamento e elaboração das atividades práticas com as quais os agricultores lidavam e onde os jovens contribuíam com o trabalho da família”. Begnami (2006) e Gimonet (2007), afirmam que, mesmo que os idealizadores das MRFs não terem se baseado em nenhuma teoria para a implantação desse modelo de escola é possível identificar algumas abordagens conceituais de renomados pensadores, que trabalham na construção de teorias educacionais:

Apontam a teoria piagetiana ao destacar a importância do “pensamento em ação”. De Rouger Cousinet e sua proposta de trabalho livre em grupo. Em John Dewey, reconhecem a contribuição da relação entre experiência e educação (...). Paulo Freire, pelo seu método de alfabetização *por uma educação como prática da liberdade*, também é destacado como um educador que fundamenta as bases teóricas e conceituais da pedagogia da alternância no Brasil. (MOURA, 2011.p.11).

Com isso, Azevedo (1998) destaca a contemporaneidade da Pedagogia da Alternância. Mesmo sendo criada na década de 1930, esse modelo pedagógico carrega em sua prática, princípios modernos de ensino e aprendizagem.

Assim, revisitando as raízes da Pedagogia da Alternância na sociedade francesa, é possível afirmar que houve uma caminhada gradual, mas progressiva, de construção da ação educativa das MFRs. Se, de início, o ponto de apoio dominante do seu projeto educativo tinha por objetivo responder às necessidades dos jovens rurais, por ensaios e ajustamentos sucessivos; paulatinamente foram sendo desenvolvidas aquelas que viriam a ser as grandes linhas da pedagogia da *Maison Familiale Rurale*. Nesse aspecto, destaca-se a concepção de escola orientadora dessa construção pedagógica: uma escola sintonizada não apenas com os interesses dos jovens, mas articulada com a realidade de vida e de trabalho do campo e comprometida com os interesses das famílias dos agricultores. (SILVA, 2012. p. 116).

A experiência francesa espalhou-se pelo mundo, o primeiro país que recebeu a experiência iniciada na França foi a Itália, quando, em 1954, recebeu o nome de *Scuola famiglia*, na década seguinte alcançou a Europa (NOSELLA, 2012). Essa expansão a princípio vista como uma consequência positiva gerou um problema para os criadores desse modelo educacional, pois havia a preocupação em conservar a suposta originalidade desses centros educativos (NOSELLA, 2012).

Sobre esse momento Silva (2012. p.113) explica que “com essas preocupações e objetivos ocorreu, em setembro de 1942, a constituição da *União Nacional das Maisons Familiares Rurales* (UNMFR)”. Portanto, a fim de manter certa coerência das *Maisons* a partir de um suposto modelo original, as MFRs receberam uma estrutura organizativa na qual fosse permitido a manutenção e fluxo das concepções e práticas pedagógicas e políticas. Surgiram as ferramentas didáticas para orientação da prática pedagógica da alternância e as definições de princípios que aglutinassem as escolas (PACHECO, 2016). Assim, as práticas desse modelo de escola foram se multiplicando rapidamente no continente Europeu e em outros continentes, como relata Silva (2012 apud PACHECO, 2016):

em 1966 foi implementada a primeira experiência na Espanha e, em 1984, Portugal. Na África, a partir do final dos anos 1960, a experiência francesa havia se expandido para países como o Congo (em 1962), Togo e Senegal. Na Ásia, a primeira MFR foi implementada em 1988, a partir das experiências espanholas. Em 1969 a expansão dessa experiência alcançou a Argentina, sendo criadas posteriormente, MFRs na Nicarágua a partir de 1973 e, após intercâmbios com a França e suas Missões organizadas pelo Ministério dos Affaires Etrangeiros, foram implementadas MFRs em outros países da América Central.

Em 1960, as Escolas de Famílias Agrícolas (EFAs) chegaram ao Brasil em um cenário de lutas, não somente voltadas pelo direito à educação, mas, sobretudo, sobre o efeito do processo de modernização da agricultura brasileira, onde a população campesina buscava por “alternativas educacionais que vinham de encontro às necessidades e aos desafios colocados pelo momento histórico à agricultura familiar” (SILVA 2005, p.1) advindos da entrada do capital industrial no meio rural brasileiro.

A origem e criação das primeiras experiências em *Maisons Familiares Rurales*, denominadas Escolas Família Agrícola no Brasil teve início no final da década de 60 no Estado do Espírito Santo, na cidade de Anchieta. Vinculada e auxiliada pela participação do Pe. Humberto Pietrogrande, jesuíta de origem italiana, através de um trabalho comunitário coordenado pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES)<sup>5</sup> se fundou a primeira experiência em Alternância no país.

Pietrogrande havia conhecimento das experiências de formação em alternância em seu país de origem, e ao observar a situação principalmente dos descendentes de imigrantes italianos naquela região, “se assumiu como um crítico da escola tradicional e

---

<sup>5</sup> “uma entidade de promoção social por meio do desenvolvimento de ações na área de educação, saúde e ação comunitária voltadas para o meio rural” (Silva, 2012).

de suas limitações em relação à sua capacidade de promoção de uma formação mais ampla àquelas populações” (Pacheco, 2016. p.9).

A experiência de Pietrogrande foi essencial para o fortalecimento e difusão do movimento EFA no Brasil. Buscou-se parcerias e apoios externos que resultaram na criação da *Associazione Amici dello Spirito Santo* (Associação dos Amigos do Espírito Santo) - AES, criada em 1966 com o objetivo de promover o intercâmbio e desenvolvimento religioso, cultural, econômico e social do Espírito Santo (SILVA, 2012. p.52). A AES tinha como proposta conceder algumas bolsas de estudos na Itália, onde os bolsistas brasileiros tiveram a oportunidade de conhecerem e vivenciarem as experiências de Escolas Família que ocorriam em território europeu. E nesse intercâmbio, Pacheco (2016, p. 9) ressalta que Pe. Pietrogrande também “recebeu três técnicos italianos (um economista, um sociólogo e um educador)” para auxiliar o seu trabalho no Estado. Com isso, no ano de 1969 as primeiras experiências brasileiras: a EFA de Olivânia, em Anchieta; e a EFA de Alfredo Chaves entraram em funcionamento (SILVA, 2012).

Após a consolidação desse modelo de escola no Espírito Santo, a partir da década de 1980 houve expansão das EFAs para outros estados como Bahia, Ceará, Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte, Rondônia, Amapá, Goiás e Minas Gerais (SILVA, 2012). Neste contexto, é criada no ano de 1982 a União Nacional das Escolas Famílias agrícolas do Brasil (UNEFAB), com o objetivo principal de manter a unidade e o fortalecimento, bem como a articulação entre as EFAs, superando o isolamento e os problemas locais enfrentados por cada uma delas.

Ainda neste contexto, volto meu olhar para a região de Minas Gerais, onde Pacheco (2016) e Silva (2012) relatam que a implantação das primeiras EFAs na região mineira esteve fortemente relacionada ao movimento social e eclesial (CEBs – Comunidades Eclesiais de Base).

A década de 1980 foi uma época de reestruturação e/ou criação de vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais e de formação de vários outros movimentos de organização dos agricultores na tentativa de reação ao processo de submissão da exploração agrícola ao capital internacional (SILVA, 2012; Pacheco 2016). Portanto, a criação dessas escolas estava fortemente associada aos interesses políticos e econômicos da comunidade. As CEBs também tiveram um papel fundamental para a disseminação do movimento EFA no estado de Minas. O trabalho realizado pelas CEBs consistia em levar à comunidade a reflexão sobre diversos temas relacionados com a realidade dos

trabalhadores e trabalhadoras do campo. Dentre essas temáticas, foram destacadas reflexões sobre a relação do ser humano com o meio ambiente, sobre o acesso à terra e as relações de trabalho, bem como a organização desses trabalhadores (PACHECO, 2016).

No ano de 1983, no município de Muriaé, Zona da Mata Mineira, se iniciou o processo de criação da primeira Escola Família do Estado de Minas, por meio da iniciativa de um grupo de pessoas vinculadas às Comunidades Eclesiais de Base da região, contando com o apoio da Prefeitura Municipal. E no ano de 1990, surge a segunda escola agrícola mineira, a Escola Rural Padre Adolfo Kolping, no município de Formiga. Também no ano de 1990, entra em funcionamento, no município de Conselheiro Pena a Escola Família agrícola Chico Mendes (SILVA, 2012).

Segundo dados da Associação Mineira das Escolas Família Agrícola (AMEFA)<sup>6</sup>, instituição criada no ano de 1993 com o objetivo de afinar os princípios e práticas da pedagogia da Alternância entre as EFAs mineiras, apurou que no ano de 2012 existia no Estado de Minas Gerais.

(...) dezesseis escolas em funcionamento; além de dez em processo de implementação e diversos pedidos de implantação. Do total das EFAs em funcionamento, duas delas oferecem Ensino Fundamental e Médio, cinco oferecem somente o Ensino Fundamental e nove escolas oferecem somente o Ensino Médio. Atualmente essas escolas atendem um total de 1.434 alunos, sendo 474 nas séries finais do Ensino Fundamental e 960 no ensino Médio. Em média, cada escola atende 110 alunos, sendo eles, na sua maioria, filhos de agricultores familiares, meeiros, assalariados agrícolas e assentados rurais. Apenas um pequeno percentual, em torno de 5%, são jovens oriundos de famílias de médios agricultores. Essas escolas envolvem, indiretamente, no seu projeto educativo, uma média de 2.150 famílias de agricultores, em 240 comunidades rurais de 43 municípios. Em termos de sua distribuição no território do Estado de Minas Gerais, existe uma presença marcante das EFAs nas regiões Jequitinhonha, Norte, Centro e Zona da Mata. (SILVA, 2012.p.121).

Dentre as EFAs mineiras, a que ganha destaque nesta pesquisa é a EFA Paulo Freire (EFAP). A EFAP está localizada na Comunidade de Boa Cama, Zona Rural, Rodovia MG 262 km 30, no município de Acaiaca, zona da Mata Mineira. A EFAP oferece

---

<sup>6</sup> A Associação Mineira das Escolas Família Agrícola – AMEFA, criada em 24 de julho de 1993, é uma Entidade Civil, sem finalidade econômica, que congrega atualmente 18 Associações Escolas Família Agrícola do Estado de Minas Gerais. Sua missão é contribuir para que as EFA's desenvolvam uma formação integral e personalizada de jovens trabalhadores rurais e suas famílias, em harmonia com o meio ambiente; articulada com valores humanos, cristãos, técnico-científicos e artístico-culturais; centrada em políticas de geração de trabalho e renda familiar, na perspectiva do fortalecimento da agricultura familiar, da Educação do Campo e da solidariedade e sustentabilidade no campo. “Na realização de seus objetivos, a AMEFA conta com o apoio da UNEFAB e de sua Equipe Pedagógica Nacional, responsável pelo estabelecimento das diretrizes gerais para a formação pedagógica nos diferentes níveis” (Silva, 2012. p. 122).

atualmente o Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio por alternância com ênfase em agroecologia e tem como público os adolescentes, filhos de pequenos agricultores rurais da região. O Quadro abaixo apresenta características demográficas do município de Acaiaca, bem como o número de habitantes que residem nesse município.

**Quadro I - Censo 2010 do Município de Acaiaca – Minas Gerais**

<b>Município</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Urbana</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Urbana</b>	<b>Área Total</b>	<b>Densidade demográfica da unidade territorial</b>
Acaiaca	3.920	2.553	Na sede municipal	percentual	percentual	Na sede municipal percentual	Km2	Hab/Km2
			2.553	100,00%	65,00%	65,00%	101,9	38,47

Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31>. Acessado em 09/06/2017.

### 1.2. A história<sup>7</sup> da EFA Paulo Freire

Segundo os dados disponibilizados pela instituição, o início da década de 1990 marca a forte preocupação da comunidade de Acaiaca com a formação dos agricultores e dos jovens devido ao êxodo rural crescente nas comunidades rurais, bem como as agressões ao meio ambiente com o uso desordenado de agrotóxicos. Nesse caso, havia jovens, pessoas, comunidades e a necessidade de uma escola diferenciada e contextualizada com a realidade do campo naquela região. Portanto, a construção de um projeto social pensando numa futura escola família agrícola para a cidade de Acaiaca não possui uma data única de criação, sendo que diversas ações realizadas na região foram determinantes desde a elaboração até a implantação desse projeto.

Uma dessas ações acontece em 1991 quando um novo pároco chega à cidade de Acaiaca, Padre João do Carmo Macêdo, natural da cidade de Ervália-MG, seminarista recém formado e filho de agricultor, abre as estruturas da igreja, tornando possível a maior participação e envolvimento da comunidade aos projetos da igreja. Coincidentemente, neste mesmo ano o tema da Campanha da Fraternidade da igreja

<sup>7</sup> A descrição e informações contidas nesse texto sobre a história de implantação da EFAP na cidade de Acaiaca-MG faz parte do relato feito pelo diretor da EFAP durante a fase de entrevistas deste estudo.

Católica foi *Juventude caminho aberto*, o que promoveu a inserção dos jovens na igreja, criando, no ano de 1992, a Pastoral da Juventude Rural. Esta derivou de uma parceria entre a igreja Católica e o movimento em favor da formação de jovens do campo, com o objetivo de formar, organizar e sensibilizar os jovens rurais a respeito importância da valorização da cultura popular e, sobretudo, de uma perspectiva mais sustentável de produção e modo de tratar a terra. Desse modo, o ano de 1991 é tido como um marco para a história de criação da EFAP, pois é a partir daí que se iniciam as primeiras discussões sobre a possibilidade de implantação de uma escola agrícola na região.

Foi realizado, então, um encontro promovido pela Paróquia de São Gonçalo, situada no centro de Acaiaca/MG, onde representantes das CEBs (Comunidade Eclesial de Base) agricultores/as e jovens rurais da cidade compuseram o público presente no evento. Neste foram discutidos diversos temas e demandas da comunidade, como a necessidade de um Sindicato do Trabalhador Rural da região, a agricultura alternativa, o trabalho de valorização de sementes nativas, a Não-Queimadas. Dentro desse contexto, foi criada também a Festa do Trabalhador Rural onde havia a articulação da culinária, do artesanato, das danças culturais e ornamentações voltadas para a realidade do povo do campo, com o objetivo de resgatar e valorizar a cultura local e do campo.

De acordo com o breve histórico<sup>8</sup> online da EFAP, aquele movimento ofereceu vários encontros, cursos, seminários, viagens de estudo, visitas e assembleias em favor da formação e capacitação dos/as agricultores/as familiares e jovens rurais das proximidades de Acaiaca, proporcionando práticas sustentáveis como, por exemplo: o uso de metodologias agrícolas alternativas de preparo de solo, a produção de sementes, plantio, adubação e armazenamento evitando o uso de agrotóxicos.

Entretanto, ainda por falta de recursos financeiros para construir uma EFA na região, o grupo de agricultores/as e representantes da igreja, reunidos em assembleia regional, decidiu continuar a investir em capacitação e formação. Para isso, no ano de 1994 escolheram dois jovens, Gilmar de Souza Oliveira e Denílson Gonçalves Barbosa, ambos naturais de Maracujá, distrito de Acaiaca, para estudar na Escola Família Agrícola de Camões, EFA de Ensino Fundamental no município de Dom Silvério, atual município de Sem Peixe (MG).

Em fevereiro de 1998, foi realizada em Acaiaca, uma assembleia da Comunidade Educativa Popular para a escolha de dois ex-alunos da EFA de Sem Peixe para cursar o

---

<sup>8</sup> Documento com dados da criação da escola. Disponível em <http://escolafamiliaagricolapaulofreire.blogspot.com.br/2010/11/historico-da-efap.html>

Ensino Médio profissionalizante na Escola Técnica da Família Agrícola Riacho de Santana, na Bahia. E Gilmar de Souza Oliveira novamente foi selecionado a estudar no Estado da Bahia por quatro anos. Em 2002 quando Gilmar finaliza o seu curso e retorna a sua cidade natal, é realizado uma reunião em Acaiaca com representantes da paróquia, do sindicato e da prefeitura e algumas secretárias para que esse jovem falasse sobre sua experiência e contextualizasse o objetivo que o levou a estudar na Escola Técnica da Família Agrícola Riacho de Santana e quais foram as contribuições dessa experiência no sentido de criar possíveis diretrizes para a implantação da EFA de Acaiaca.

Naquele momento, Padre João, que já era Prefeito da cidade de Acaiaca, eleito no ano de 2000, começa a firmar parcerias com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA), e surge o Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável. Assim, a implantação da EFA na região volta a ser prioridade nos debates. Portanto, Padre João, comprometido com as causas populares e o desenvolvimento regional sustentável, apoiou a implantação da EFA na cidade. Entretanto, o atual diretor da EFAP conta que Padre João finalizou aquela reunião com a seguinte frase:

*“Darei todo apoio para que a EFA surja, mas não moverei uma palha para a criação dela, nem eu, nem a prefeitura. A EFA é do povo! Deve partir da motivação do povo”*. Nesse momento, percebo através da fala do Diretor da EFAP que a partir desse momento as pessoas e a comunidade deveriam se organizar em prol da criação da escola. A partir desse discurso do Padre João que vinha desde 1991 acompanhando e fazendo parte dos projetos de formação para a construção da EFA, neste momento, dá a entender que concretiza sua “participação” ou sua “liderança” no projeto EFA para a região de Acaiaca e coloca “nas mãos do povo” a responsabilidade de se organizar e fundar a escola.

Portanto, naquele momento a comunidade começa a se organizar em uma comissão de sete pessoas e essa comissão realizava visitas e reuniões em diversas comunidades vizinhas (Diogo dos Vasconcelos, Mariana, Guaraciaba, entre outras). Deste modo, o projeto de uma escola na região renasce com a movimentação e articulação do povo e, de acordo com as palavras do diretor da EFAP, isto fez toda diferença na trajetória de implantação da EFAP, pois o projeto deixa de ter “a cara do Padre João” e passa a ter “a cara do povo”.

Em abril de 2002, durante a primeira assembleia regional ampliada, foi constituída a Comissão Regional Pró-EFA, cujo objetivo foi o de realizar um trabalho de base para a

criação de uma associação de escola família agrícola. E uma das questões em que se pensava já naquele momento era o nome que essa escola receberia.

Criamos a comissão Pró-EFA e dentro da comissão uma das coisas que fazia eram as discussões nas comunidade sugestão de nomes. Então sugestão de nomes veio vários: Escola Família Agrícola de Acaiaca, Escola Família Agrícola Vale do Piranga, entre outros. (Diretor da EFAP).

Em 15 de dezembro de 2003 ocorreu outro marco para a história da EFAP: a assembleia de criação da Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire – AREFAP, com sede na comunidade rural de Boa Cama-Acaiaca-MG. Nesta assembleia, ficou estabelecido que a escola ofereceria o curso de Ensino Médio profissionalizante com ênfase nas áreas de agropecuária e agroindústria, recebendo estudantes dos municípios de Acaiaca, Diogo de Vasconcelos, Piranga, Guaraciaba, Mariana e Barra Longa. E, em março de 2004, a AREFAP filiou-se à AMEFA e, em abril do mesmo ano, teve o convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Acaiaca. Assim, neste mesmo mês, aconteceu a primeira semana de adaptação da EFAP com o objetivo de selecionar os estudantes que formariam a primeira turma da escola; escola esta que naquela assembleia, por intermédio de uma votação popular, recebeu o nome de Escola Família Agrícola Paulo Freire, a qual foi inaugurada em maio de 2004.

Contudo, neste momento se faz importante apresentar por que a figura de Paulo Freire ganhou relevância a ponto de ser homenageado por aquela Escola Família Agrícola. Assim, apresento a seguir, ainda que de forma breve e lacunar, quem foi Paulo Freire e quais as aproximações e referências esse nome apresenta em relação à EFA para ser homenageado por ela.

### 1.3. Paulo Freire: o educador popular, seu exílio e seu retorno.

Na voz de sua segunda esposa Ana Maria Freire (1997), Paulo Reglus Veves Freire – popularmente conhecido no Brasil e no mundo simplesmente por Paulo Freire – nasceu em Recife/PE em 19 de setembro de 1921. Orientado pela mãe, Edeltrudes Neves Freire, começou a escrever as primeiras palavras com gravetos das mangueiras, no chão do quintal de sua casa. Aos 10 anos, mudou-se para a cidade de Jaboatão, onde concluiu seus estudos nos anos iniciais e ingressou, aos 22 anos, na Faculdade de Direito do Recife. “Fez esta opção por ser a que se ofereceria dentro da área de ciências humanas. Na época não havia em Pernambuco curso superior de formação de educador” (GADOTTI, 1997. p. 30). Segundo Freire, citado por Gadotti (1997, p. 31):

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Paulo Freire se casou em 1944, antes de concluir o curso de Direito, com a educadora Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Naquele período, tornou-se professor de língua portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz, escola onde havia estudado na adolescência. Após essa experiência, Paulo foi ser diretor do setor de Educação e Cultura do SESI<sup>9</sup> (entre os anos de 1947 a 1954, e superintendente do mesmo entre 1954 a 1957), órgão recém-criado pela Conferência Nacional de Indústria através de um acordo com o governo de Getúlio Vargas. Foi nessa experiência de dez anos que Paulo Freire teve seu primeiro contato com a educação de adultos/trabalhadores e se deparou com a realidade vivenciada por este grupo no Brasil, e “sentiu o quanto eles e a nação precisavam enfrentar a questão da educação e, mais particularmente, da alfabetização” (GADOTTI, 1997. p. 33).

Em 1959, Paulo Freire obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese “Educação e atualidade brasileira”. Este título assegurou-lhe o cargo de professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, em 1961. No mesmo ano de sua posse, também lhe foi conferido o certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da escola de Belas Artes (GADOTTI, 1997).

Além disso, vale ressaltar que Freire não se dedicou apenas à área acadêmica, sendo que, segundo Gadotti (1997), no início dos anos 1960 Freire se engajou também nos movimentos de educação popular, sendo um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (M.C.P.) do Recife. Este, através da valorização da cultura popular, buscou contribuir para a presença participativa das massas populares na sociedade brasileira. Este Movimento de Cultura Popular no Brasil (MCP) marcou profundamente a trajetória de Freire como educador. A partir disso, Freire participou e influenciou diversas campanhas de alfabetização realizadas no Brasil, e, com isso, ficou “conhecido nacionalmente como educador voltado para as questões do povo” (GADOTTI, 1997.p.

---

<sup>9</sup> O Serviço Social da Indústria (SESI), criado em 1º de julho de 1946, tem como desafio desenvolver uma educação de excelência voltada para o mundo do trabalho e aumentar a produtividade da indústria, promovendo o bem-estar do trabalhador. Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/institucional/o-que-e-o-sesi>.

40). Portanto, foi no interior do MCP que nasceu o método de alfabetização de Paulo Freire, realizado através dos chamados *Círculos de Cultura*: “Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, *o coordenador de debates*. Em lugar de aula discursiva, *o diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, *o participante de grupo*. Em lugar dos pontos e de programas alienados, *programação compacta*, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado” (FREIRE, 2000, p. 111).

Segundo Brandão (in: STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010) o *círculo de cultura* dispõe de uma “roda de pessoas”, mas não necessariamente formando sempre um círculo. O importante é que nessa “roda” se configure em uma organização relacional onde ninguém esteja visivelmente ocupando um lugar de destaque, ou proeminente em relação aos demais. Sob esta perspectiva, o objetivo do *círculo de cultura* é o de oportunizar o diálogo a partir da horizontalidade das interações, a partir de uma metodologia contrária à concepção de Educação Bancária<sup>10</sup>, que prevê a educação como um ato de depositar conhecimento na mente supostamente passiva do aprendiz. Neste sentido, o saber passaria a ser compreendido como sendo uma doação dos que julgam detentores do saber para os que nada sabem (GADOTTI, 1997). Ou seja, este modelo educacional “procura dificultar o pensar autêntico dos homens (...) pressupõe uma concepção mecânica da consciência” (OLIVEIRA, 2002. p. 113).

Pensando na Educação Bancária, criticada por Freire, Oliveira (2002) explica que:

Este modelo de educação bancária reflete a sociedade opressora; é uma dimensão da cultura do silêncio; mantém e estimula a contradição. O educador é o que educa, o que sabe, o que pensa, o que diz a palavra, o que disciplina, o que opta e prescreve a sua opção, o que atua, escolhe o conteúdo programático, representa a autoridade do saber e a autoridade funcional, é o sujeito do processo. Os educandos são os que são educados, os que não sabem, os que seguem a prescrição, têm ilusão de que participam na atuação do educador; acomodam-se ao conteúdo programático, se adaptam ao educador e são objetos do processo. (p. 114-115).

Já o *Círculo de Cultura*, contrário ao modelo de Educação Bancária, propõe uma *educação problematizadora*<sup>11</sup>; nesta concepção de educação o educando é sujeito no processo educativo. “O educador não é somente o que educa, mas é educado enquanto educa. E o educando não é só o educado, mas enquanto educando, também educa o

---

<sup>10</sup> A expressão “Bancária” significa, literalmente, algo que se refere ao banco, enquanto instituição financeira. Paulo Freire deu a este termo um novo significado, isto é, educação bancária consiste em depositar noções e/ou conhecimento na mente do educando, do mesmo modo que ocorre nos bancos.

<sup>11</sup> A educação problematizadora é fundada sobre a criatividade e estimula uma ação e reflexão autênticas sobre a realidade; responde, assim, a vocação dos homens que só são autênticos quando se comprometem na transformação da realidade.

educador” (OLIVEIRA, 2002. p. 116). Neste sentido, Paulo Freire propõe, com a criação do seu método, uma nova concepção da relação pedagógica “educador-educando”, fundado a partir do *diálogo* da *conscientização*.

O *Diálogo* consiste numa relação horizontal entre as pessoas envolvidas no processo, ou seja, neste processo se valoriza o saber de todos, “todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é o professor e sua função não se confunde com a do aluno” (GADOTTI, 1997. p. 81).

E a *conscientização* vai além de simplesmente tomar conhecimento da realidade. Tomar consciência significa a capacidade do educando de imersão na realidade, e até mesmo de um distanciamento desta realidade. E a “conscientização ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação, para constituir-se em ação transformadora desta realidade” (GADOTTI, 1997, p. 81). Desse modo, o método de ensino de Freire é instituído no princípio de que o processo educacional deve partir da realidade do educando. Nas palavras de Freire *Não basta saber ler que “Eva viu a uva”*. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Ainda sobre o método Paulo Freire, Gadotti (1997) explica que este se realiza esquematicamente em três momentos:

- a) *A investigação temática*, pela qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia.
- b) *A tematização*, pela qual eles codificam e decodificam esses *temas*; ambos buscam seu significado social, tomando assim consciência do mundo.
- c) *A problematização*, na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido.

Deste modo, para Brandão “no círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a *dizer a sua palavra*” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010. p. 69). Brandão sintetiza e enumera ainda quatro fundamentos dos Círculos de Cultura:

- 1) Cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.
- 2) Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora e os seus componentes “vividos-e-pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social.
- 3) Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas as outras mutuamente se ensinam e aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.
- 4) Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado”, “ser educado”) significa algo mais do que apenas aprender a ler as palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender, a ler crítica e criativamente “o seu próprio mundo”. Significa aprender, a partir de um processo dialógico em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo do que os conteúdos com que se trabalha, a tomar consciência de si-mesmo (quem de fato e de verdade sou eu?); tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nós nos relacionamos? E o que isto significa?); e tomar consciência do mundo (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue socialmente construído para haver-se tornando assim como é agora? O que podemos e devemos fazer para transformá-lo? (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010. p. 70).

Desse modo, no governo de João Goulart, em 1964 nasceu, sob a coordenação de Paulo Freire, o Programa Nacional de Alfabetização, que pelo “método Paulo Freire” tencionava alfabetizar, politizando, cinco milhões de adultos. Estes poderiam, pela lei vigente da época, fazer parte, em futuro próximo, do ainda restrito colégio eleitoral brasileiro do início dos anos 1960, que até essa data eram restritos ao direito de votar por não saberem ler e nem escrever. No seu processo de alfabetização, estes novos eleitores, provenientes das camadas populares, seriam desafiados a perceber as injustiças que os oprimiam e a necessidade de lutar por mudanças (GADOTTI, 1997).

Com isso, “Paulo falava em educação social, falava na necessidade de o aluno, além de se conhecer, conhecer também os problemas sociais que o afligiam (...). falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de imersão na vida pública engajando-se no todo social” (GADOTTI, 1997.p. 36).

Então, no ano de 1964 aconteceria a instalação de 20 mil *círculos de cultura* para 2 milhões de analfabetos. No entanto, o golpe militar brasileiro, de 1964, interrompeu essa ação e reprimiu o movimento. A elite conservadora brasileira sentiu-se ameaçada, pois a Campanha Nacional de Alfabetização estava conscientizando imensas massas populares. Com isso, a classe elitista incomodada com o movimento se colocou

contra o Programa, acusando Freire de ser “subversivo e ignorante”. Paulo Freire foi, então, exilado e permaneceu em exílio durante dezesseis anos (GADOTTI, 1997).

Em setembro de 1964, aos 43 anos de idade, Freire asilou-se na Bolívia, mas devido a um golpe de Estado ocorrido no país logo depois de sua chegada, mudou-se para o Chile e lá permaneceu até abril de 1969, “trabalhando como assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario e do Ministério da Educação do Chile e como consultor da UNESCO junto aos Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agraria do Chile”. (GADOTTI 1997. p. 42). Em abril de 1969, mudou-se para os Estados Unidos, onde foi convidado a lecionar na Universidade de Havard. Em 1970, mudou-se para Genebra, onde também lecionou na Universidade de Genebra e atuou como consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Entre os anos de 1970 e início de 1979, Freire “andarilhou”<sup>12</sup> pelo mundo, visitou a África, a Ásia, a Oceania e a América também, com exceção do Brasil. E, finalmente, em 1980, graças à Lei da Anistia, promulgada pelo presidente João Batista Figueiredo em 28 de agosto de 1979, Paulo Freire retornou definitivamente para o Brasil (GADOTTI, 1997).

Desse modo, inspirados pela Pedagogia de Paulo Freire, onde o estudante não é mero ouvinte e receptor de informações, a EFAP buscou na teoria de Freire, a superação da Educação Bancária e dar lugar a um modelo de escola contextualizada e humanizada, respeitando e levando em consideração a história de vida dos estudantes e fundamentalmente, concebendo este jovem como sujeito produtor de conhecimento. Vale ressaltar que a EFAP apropria de diversas contribuições do legado freiriano em sua organização escolar e uma dessas contribuições foi o Círculo de Cultura, as Aulas Interdisciplinares, os Projetos Culturais (cortejo cultural, as místicas que são integradas as aulas de jovens e adultos, capoeira, o Maculelê, a Dança do Pilão, aula de violão) e a auto-gestão (os alunos e professores planejam e se organizam em diferentes tarefas).

#### 1.4 A dinâmica e organização da EFAP

Pertencente ao movimento de EFAs localizadas na Zona da Mata Mineira, a EFA Paulo Freire segue os princípios da AMEFA (Associação Mineira das Escolas Família Agrícola), entretanto, esta escola possui suas particularidades em sua organização e

---

<sup>12</sup> Expressão que Paulo Freire gostava de dizer ao relatar suas experiências pelo mundo a serviço do Conselho Mundial de Igrejas.

forma de trabalho, isto é, as EFAS seguem os princípios fidedignos desse modelo de escola, entretanto, possui características próprias no jeito de executar seus instrumentos.

Figura 1 – Fachada da Escola de Família Agrícola Paulo Freire



Fonte: registro da pesquisadora (2017)

A EFA Paulo Freire segue os princípios da AMEFA, como mencionado, isto quer dizer que em sua organização curricular, as EFAs se igualam por adotarem os princípios da Pedagogia da Alternância, organizando a formação numa dinâmica que alterna períodos letivos de 15 dias no Centro de Formação com 15 dias na Casa/Comunidade – “Socioprofissional” (SILVA, 2012). Como mostra a ilustração abaixo:

Figura 2 - Pedagogia da Alternância



Fonte: Adaptada de Nosella (1987, p. 155 – 157)

De acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da EFAP, a escola busca promover uma formação integral dos jovens e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural e agregando famílias e comunidades aos projetos desenvolvidos pela escola; De modo que a sabedoria popular em diálogo com a teoria possibilite condições necessárias para o desenvolvimento do Campo. Desse modo, segundo descreve o PPP da EFAP a escola busca "contribuir, através da educação geral, humana e profissional de jovens camponeses/as, para que se tornem agentes de transformação social". A escola preocupa também com a permanência dos seus alunos e ex-alunos no campo, portanto, a desde a sua implantação a EFAP busca contribuir e a criar oportunidade para que o jovem possa estudar e permanecer no meio em que vive.

Segundo Silva (2012, p. 121) “A Gestão das EFAs é realizada por uma Associação das Famílias existente em cada escola, envolvendo a participação dos agricultores, estudantes, entidades e organizações parceiras no processo da construção da educação do campo”. Vale ressaltar que as EFAs do Estado de Minas, têm se apoiado financeiramente aos órgãos públicos e privados, tanto nacionais quanto internacionais. Silva (2012) destaca o apoio da Secretaria Estadual de Educação/MG por meio da lei nº. 14.614/2003, regulamentada pelo decreto nº. 43.978/2005 e pelo decreto nº. 44.984 de 19 de dezembro de 2008, “tem se constituído uma das fontes mais expressiva de financiamento, destinando bolsas de estudos aos estudantes matriculados, sob a administração da Associação” (p. 122).

De acordo com o material<sup>13</sup> cedido pela EFAP e escrito por Idalmo Firmino dos Santos<sup>14</sup>, a EFA é um modelo de escola que se sustenta por quatro pilares fundamentais, Estes pilares, aos quais chamamos de Princípios do Sistema EFA, estão divididos em duas categorias:

a) Princípios meios:

- 1) Uma associação formada por famílias, entidades e pessoas. Esta associação se responsabiliza pela gestão e administração da EFA.

---

<sup>13</sup> Este material foi disponibilizado pela direção da EFAP. E estas informações estão contidas no caderno de observação dos alunos da EFAP. E durante o momento da entrevista com o diretor da EFAP, o mesmo disse não saber informar sobre a referência do material.

<sup>14</sup> Ex-aluno do ensino fundamental pela Escola Agrícola de Caculé-BA e do ensino médio e técnico em agronegócio pela EFA de Olivania-Anchieta-ES, ex-monitor e ex-coordenador de EX, Pedagogo de Formação e atual Secretário Executivo da AMEFA.

- 2) A pedagogia da alternância e seus instrumentos pedagógicos organizados com uma metodologia própria e sintonizados com a conjuntura local;
- b) Princípios fins:
- 3) Um plano que garanta uma formação integral dos estudantes. Este deve ser concedido a partir de um diagnóstico participativo e de uma concepção coletiva da educação necessária para a juventude do campo.
  - 4) Um plano de ação que seja sustentável às famílias e ao meio. É obvio que para se construir este plano de ação sustentável se faz necessário um somatório de esforços e planejamento entre as diversas forças sociais e políticas da localidade e região, cada um com seu papel e sua especificidade. A EFA, portanto, é um projeto social que, integra a outros parceiros, com sua metodologia apropriada, cria os meios de amenizar as dificuldades encontradas pelas famílias do campo.

O detalhamento pedagógico das ações é reunido em uma ferramenta denominada de Plano de Formação da EFA, o qual consiste no currículo da escola. Neste currículo, as atividades e práticas são organizadas em três partes distintas, que são: 1) Conteúdo Vivenciais 2) Conteúdos Gerais (também chamados de Base Nacional Comum) 3) Conteúdos da parte diversificada e profissionalizante.

Conforme consta no Plano de Formação da EFAP, os conteúdos vivenciais são organizados no plano de formação a partir de um diagnóstico feito a cada ano junto às famílias dos educandos e constituem-se num instrumento pedagógico denominado *Plano de Estudo*. Esse plano de estudo consiste em um direcionamento de pesquisa para o estudante realizar suas tarefas em casa. Desse modo, antes de irem para casa e iniciar a pesquisa, os estudantes auxiliados pelos seus monitores, são motivados a elaborarem um roteiro com as questões que desejam averiguar no período sócio profissional.

Ao final desse período em casa, os estudantes retomam as atividades (no tempo escola) e são recebidos na EFA de forma personalizada, isto é, neste momento é praticado outro instrumento pedagógico, denominado *Acompanhamento Personalizado ou Tutorial*. Este instrumento segue durante todo o período em que o estudante permanece na escola. Os educandos são divididos proporcionalmente pelo número de monitores e cada monitor é responsável por acompanhar aquele número de alunos durante o período de estadia na escola. Este acompanhamento pode ser de cunho

pedagógico ou não, o monitor pode auxiliar o jovem em toda e qualquer circunstância que o estudante precisar e sentir a vontade para expor ao seu tutor.

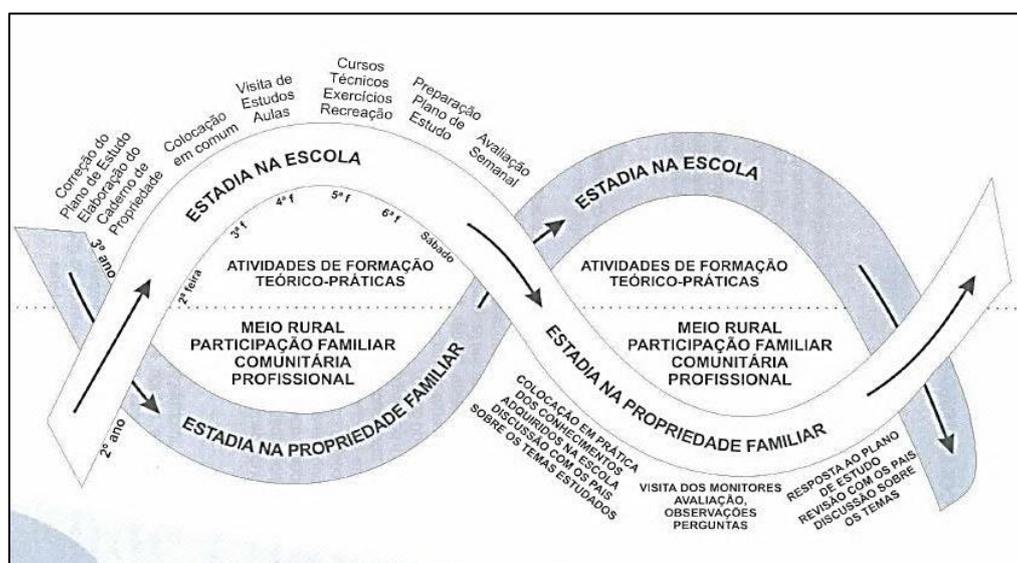
Após esta distribuição é realizado outro instrumento pedagógico: a *Socialização* ou *Colocação em Comum* do Plano de Estudo. Neste momento, os planos de estudos são apresentados em forma de síntese aos demais alunos e é promovido um debate para compreender as situações-problemas e preparar a *Visita de Estudo* (realizada em outra propriedade que não seja a do aluno).

A *Visita de Estudo*, é realizada logo após a *Colocação em Comum* do Plano de Estudo. Com o objetivo de permitir ao educando o confronto da sua realidade pesquisada com outra e daí possa tirar suas conclusões e descrevê-las no relatório de visita dele. Tanto a síntese pessoal quanto a síntese da turma, e outros relatórios relativos ao tema em estudo, são organizados em um caderno próprio, chamado de *Caderno de Síntese da Realidade*,. Neste caderno, de uso pessoal do estudante, é onde o discente sintetiza seus estudos realizados em casa, nos locais de estágio, nas visitas de estudo, etc.

Outro instrumento pedagógico é o *Serão de Estudos*. Este instrumento é realizado à noite, quando os estudantes se reúnem com os monitores e juntos trabalham a partir de atividades lúdicas, temas de aspectos culturais, artísticos, comemorativos, etc. Ao aproximar do final do “tempo-escola” é momento de planejar a *Atividade de Retorno*. Este instrumento pedagógico, como o próprio nome diz, é uma atividade organizada que permite aos estudantes darem um retorno as suas famílias e a sua comunidade. Este retorno pode ser em forma de socialização do que foi estudado ou em forma de intervenção prática na realidade da comunidade.

Outro instrumento pedagógico utilizado pela EFAP é o *Estágio*. Este instrumento compreende todos os momentos em que os estudantes estão no meio sócio profissional. Como elemento de elo entre a família e a escola, existe o caderno de acompanhamento, sendo um instrumento pedagógico que permite fazer, de fato, um relato breve tanto da EFA para com a família, como vice-versa. Dessa forma, ambas recebem informações sobre o andamento do aluno nos dois momentos. Complementar a este instrumento é realizado também *As Visitas às Famílias*, com o objetivo de estreitar ao máximo as relações com as famílias dos educandos, visto que as famílias são sócias da Associação EFA. Estabelecendo assim a estrutura de interação e formação (escola-família- comunidade). Sobre a Alternância, Medeiros (2011) ilustra a movimentação desse método educativo e seus instrumentos metodológicos, da seguinte forma:

Figura 3 – Sistema de funcionamento da Alternância e seus Instrumentos Pedagógicos.



Fonte: Imagem usada na apresentação<sup>15</sup> da Professora Maria Osanette de Medeiros sobre a Pedagogia da Alternância.

Na imagem acima ilustrada, a autora procura apresentar a dinâmica da Pedagogia da Alternância aplicada na realidade das EFAs, e os momentos em que se aplica cada instrumento pedagógico, respeitando a necessidade da escola, da comunidade e dos educandos. Com isso, é possível perceber que neste modelo de escola, estudante, família e comunidade compõem juntos o sistema de formação do projeto EFA e devem se comprometer, conforme enumera Idalmo Firmino dos Santos, os seguintes compromissos:

1) Compromissos do estudante:

- Comprometer-se com a formação pessoal;
- Realizar todas as tarefas propostas pela EFA;
- Respeitar normas de vida em grupo;
- Defender e Divulgar a EFA;
- Demonstrar gosto pelas atividades sócio-profissionais do meio rural, a ponto de buscar soluções para desenvolvê-las.

<sup>15</sup> Disponível em <https://image.slidesharecdn.com/curso-unbunesco-1224248651195192-8/95/curso-unbunesco-19-728.jpg?cb=1224223823>

2) Compromissos da família:

- Assumir sua responsabilidade no que diz respeito à formação e educação;
- Participar dos estudos do filho, respondendo os Planos de Estudo, acompanhar e apoiar os trabalhos propostos;
- Demonstrar interesse e apoiar as atividades do filho;
- Proporcionar estágios para o filho e outros colegas dentro de suas possibilidades;
- Participar das atividades da Associação, entre outras coisas, da reunião de pais.

3) Compromissos da escola (destinada aos Educadores):

- Cumprir suas tarefas individuais e trabalhos em equipe;
- Orientar o funcionamento da alternância e a vida de grupo no internato;
- Atender e orientar os alunos individual e coletivamente;
- Orientar os trabalhos de estudo e aprofundamento dos conhecimentos;
- Conhecer a realidade cultural e social onde vive o aluno e sua família;
- Visitas às famílias.

Por fim, o mais importante dos instrumentos pedagógicos da EFA é o *Projeto do Jovem*, no ensino fundamental, os estudantes recebem orientações com o intuito de despertar o jovem para as possibilidades vocacionais e trabalhistas para sua inserção no Ensino médio. E aos jovens do Ensino Médio, este *Projeto Jovem* trás a proposta de que ao longo dos três anos de formação o estudante deve construir e implementar seu projeto de inserção profissional.

Esses instrumentos, projetos e atividades são distribuídos durante o “tempo-escola” e “tempo- comunidade”. Na Imagem a seguir veremos como a EFAP se organiza no seu dia a dia, entre as aulas, as atividades de auto-organização e demais atividades pedagógicas. Orientados pelas ideias de Paulo Freire o planejamento da EFAP é construído de forma participativa e coletiva, isto é, os jovens, monitores e professores participam da elaboração do plano quinzenal da escola.

Figura 4 – Quadro do Planejamento “Tempo- Escola”

Tempo	17.07	18.07	19.07	20.07	21.07
6:00	Acorda/hi. suave	-	-	Acorda/hi. suave	-
6:30	mística	-	-	mística	mística
6:40	Eq. Auto. orga				
7:30	Aulas	Aulas	Aulas	Aulas	Aulas
8:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10:30	Aulas	Aulas	CE/APRA	Aulas	Aulas
12:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13:30	Aulas	Aulas	Aulas	Aulas	Aulas
16:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
16:20	Eq. Auto. orga				
17:30	Lupa/Bomba	Lupa/Bomba	Lupa/Bomba	Lupa/Bomba	Lupa/Bomba
19:00	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar
20:00	Ajuda Planejamento				
21:30	Silêncio	Silêncio	Silêncio	Silêncio	Silêncio

Registro da pesquisadora durante o período de observação na EFAP.

Como é possível encontrar na imagem, as atividades iniciam às 6h da manhã, desde muito cedo, os jovens já iniciam suas tarefas. Antes de iniciar as aulas, às 6h40m, os jovens se organizam em equipe para realizarem a organização e limpeza da EFA. Após o almoço, já no período da tarde, continuam as aulas e no período da noite, em alguns dias do “tempo-escola”, acontecem às aulas de violão e de informática.

Para além desses instrumentos formativos, a partir de 2009 começou também a haver uma preparação dos alunos da EFAP para a participação na “Semana do Fazendeiro” da Universidade Federal de Viçosa, mais especificamente para o evento e/ou espaço da Troca de Saberes. Com o intuito de instigar os jovens estudantes a participar e conhecer os estudos e debates realizados sobre questões sociais, econômicas e culturais do Campo. Desse modo, torna-se necessário contextualizar o que vem a ser a Semana do Fazendeiro e especialmente a Troca de saberes dentro desse cenário.

Portanto, dedico a PARTE II desse trabalho para contextualizar o surgimento da Semana do Fazendeiro, bem como a ideia que dominava os projetos desenvolvidos no Campus naquela época, e posteriormente o surgimento da Troca de Saberes e o que se pretendia com este espaço voltado para o diálogo entre os saberes científicos e populares.

## **PARTE 2 – A SEMANA DO FAZENDEIRO E A TROCA DE SABERES: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES.**

### 2.1 A Semana do fazendeiro: quando tudo começou.

De acordo com Silva (1995, p. 41), “a reconstituição histórica da Semana do Fazendeiro não se restringe ao evento em si, mas apresenta em sua gênese e em seu desenvolvimento concepções que estão ligadas diretamente à própria história da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em sua relação com contexto sócio-econômico”. Desse modo, o projeto de criação, na década de 1920, de uma escola superior de agricultura na cidade de Viçosa foi pensado e planejado na expectativa de superar os problemas enfrentados pela elite mineira daquela época, proporcionando ao estado melhorias sociais e produtivas.

Nessa época, a situação sócio-econômica de Minas Gerais apresentava dificuldades que entravavam o crescimento da principal atividade econômica, a agricultura. A esta situação regional somava-se o contexto geral de uma economia agroexportadora, em que o único produto – o café – adquiria “status” de determinação primeira da dinâmica político-econômica nacional. (COMETTI, 2005. p. 65).

Foi nesse contexto, que o então presidente vigente, Arthur da Silva Bernardes, que igualmente era viçosense, implementou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) na cidade de Viçosa.. A ESAV, que nasceu na década de 1920, teve suas práticas inspiradas e desenvolvidas com base no modelo de ensino agrônômico norte-americano dos Land-Grant Colleges, (RIBEIRO, 2006). A noção de aprender com a prática era a base da educação desenvolvida nos Land-Grant Colleges, sendo uma característica marcante das escolas agrícolas americanas a proposta de estabelecer uma ligação direta da ciência com a aplicação dos conhecimentos em trabalhos cotidianos das fazendas (SILVA, 1995). Cometti (2005, p. 170) explica que:

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, em toda a sua existência, procurou promover ensinamentos que atingissem diretamente aos fazendeiros da Zona da Mata Mineira, conforme proposto pelos objetivos da instituição. Conforme a Lei nº 761, a Escola deveria ministrar o ensino teórico e prático de Agricultura e Veterinária, bem como promover estudos experimentais que concorressem para o desenvolvimento dessas ciências no Estado de Minas Gerais, com o intuito de educar a população agrícola do Estado em todos os assuntos pertencentes à vida rural. Para que isso se concretizasse o serviço de extensão foi de fundamental importância, sendo fiel aos objetivos da escola, uma vez que ela proporcionou muitos ensinamentos aos fazendeiros da região, educando essa população agrícola e garantindo a praticidade do ensino ministrado. No início, as atividades

extensionistas rurais destinavam-se a trazer ensinamentos agrícolas através de respostas as correspondências, publicações e visitas a instituição, acabando por auxiliar agricultores do Brasil inteiro e, ainda, alguns pesquisadores de outros países, como foi o caso das correspondências de pesquisadores de vários países sobre métodos de plantio, técnicas agrícolas, entre outras. Desde a sua concepção, a Escola já previa esta prática de promover um serviço de extensão aos agricultores, visto que, desde seus primeiros Regulamentos, a extensão já se fazia presente, através da promoção de cursos e palestras, que proporcionassem ensinamentos práticos.

Desse modo, em 1929 foi realizada a primeira Semana do Fazendeiro, com a visita de pequenos e médios proprietários rurais à ESAV, com o propósito de participar de cursos de breve duração. Neste primeiro encontro estiveram presentes 43 agricultores. A Semana do Fazendeiro foi, então, concebida como um espaço de encontro e troca de informações entre produtores e fazendeiros da região e alunos da ESAV (RIBEIRO, 2010). “Esta experiência representa a primeira forma de extensão sistematizada de acordo com o modelo americano, na linha de prestação de serviço ao meio rural desenvolvida no Brasil” (GURGEL, 1986. p. 63). De acordo com Santos (sd, p. 5100), “nesses eventos, havia a oportunidade de se apresentarem novas técnicas de cultivo e avanços que a Escola desenvolvia, ofertando aos alunos uma valiosa oportunidade de contato com o cotidiano rural através da troca de experiências [...]”.

Silva (1995) relata que ainda no período de institucionalização da UFV, havia uma inquietação por parte dos dirigentes da Escola a respeito da Semana do Fazendeiro, essa preocupação dava-se na possibilidade da troca de conhecimentos, “numa visão que considerava a existência do conhecimento do fazendeiro e evidenciava os objetivos do evento, em sua origem, ligados à divulgação da escola” (SILVA, 1995. p. 6). Dessa forma, conforme consta no Documento de Avaliação da 61ª Semana do Fazendeiro, o evento “*é uma ação de caráter interdisciplinar de prestação de serviços, podendo conciliar tanto o ensino, quanto a pesquisa envolvendo ainda diferentes unidades da instituição. Apoiada em um dos seus objetivos básicos que é a difusão dos conhecimentos produzidos pela Universidade*”. (UFV, 1990. p. 6). Sobre essa avaliação, Silva (1995), entende que esta caracterização sobre o evento apresenta a perspectiva de “mão única” que fundamenta a dinâmica da Semana do Fazendeiro. “Referindo-se a extensão universitária apenas como legitimadora do conhecimento acumulado” (SILVA, 1995. p. 7).

Desse modo, no estudo realizado por Silva (1995) sobre a história da extensão na UFV, bem como a construção da Semana do Fazendeiro, a autora entende que nesta perspectiva de “mão única” os resultados obtidos com “a prática acadêmica e da

pesquisa, sistematizados, devem ser repassados aos participantes sem a consideração da importância do conhecimento não-acadêmico construído no cotidiano dos produtores rurais que frequentam o evento” (SILVA, 1995. p. 7). Este entendimento de extensão diverge da concepção defendida por Paulo Freire, que entende a extensão na perspectiva:

Neste estudo sobre a obra de FREIRE vemos a importância de se trabalhar com o diálogo para tornar o serviço de extensão algo que realmente possa melhorar as condições de vida do homem do campo, fazendo-os pensar sobre suas práticas, suas crenças, tomando o sentido de educação como uma prática de liberdade e não de manipulação, de invasão cultural. (COMETTI, 2005. p. 90)

Vale ressaltar também o que GARRAFA (1989) citou sobre Extensão no Encontro de Pró- Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987:

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno a universidade, docentes e discentes trarão o aprendizado que, submetido à reflexão teórica será acrescido aquele conhecimento. (p. 109).

Entretanto, Fonseca (1985) explica que no Brasil, o conceito de extensão não se consolidou na prática. Para este autor, a extensão no Brasil veio apoiada pelo serviço de crédito agrícola. Este serviço tinha como objetivo principal conceder empréstimos aos agricultores, o que provava seu caráter econômico, instruindo o agricultor a utilizar o crédito agrícola com a finalidade de elevar o índice de produtividade e lucratividade do homem do campo.

Neste sentido, Silva (1995) questiona a dinâmica que estrutura o lugar do agricultor/produtor em contato com o saber institucionalizado. A autora averigua a postura do agricultor na Semana do Fazendeiro, isto é, o fazendeiro é apenas receptor passivo de conhecimento científico? Ou seja, a Semana do Fazendeiro, em seu modelo institucionalizado, é um bloco de informações transmitidas num sentido “unilateral”? Ou, o agricultor tem contribuído com seus conhecimentos práticos numa perspectiva de extensão universitária de “mão dupla”?

Neste estudo, Silva (1995) explica que, não se pode desconhecer, sobretudo, como se fez Gurgel (1986), que a Universidade é uma instituição contraditória e complexa, ou seja, a Universidade é constituída e dirigida por intelectuais orgânicos que disputam e realizam interesses distintos e que buscam transformar os segmentos e atividades num instrumento ideológico do Estado, privilegiando os interesses das elites. Acrescenta Silva (1995, p. 9):

Analisando pelo lado da Universidade, pôde-se concluir que sua origem e seu desenvolvimento identificam uma instituição direcionada para responder demandas sociais específicas, relacionadas com a racionalidade ligada diretamente ao modo de produção dominante, e conseqüentemente capaz de influenciar nas relações sociais de produção. O modo de produção capitalista determina um tipo de universidade que, em síntese, se preocupa com a excelência da construção da ciência e da técnica. É uma constatação histórica de que a evolução do capitalismo cobrou mudanças na estrutura universitária para adapta-la às necessidades do objetivo central que é a acumulação.

Este modo de produção entende a ciência e a tecnologia como instrumentos de otimização dos meios de produção. O II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) esclarece que “ciência e tecnologia no atual estágio da sociedade brasileira representam uma força motora, contudo, por excelência, da ideia de progresso e modernização. Trata-se de colocar o conhecimento moderno com eficácia e sentido de prioridade a serviço da sociedade” (BRASIL, 1974. p. 135). Portanto, o público participante da Semana do Fazendeiro procura no evento por essa “tecnologia”, ou melhor, por esta proposta de progresso e desenvolvimento no meio rural apresentada pela Universidade.

Silva (1995) entende que a extensão realizada na Semana do Fazendeiro faz parte de uma proposta política que ultrapassa o espaço físico da Universidade, sendo importante destacar que:

(...) todas essas tentativas de levar aos agricultores conhecimentos científicos, para serem adotadas em suas propriedades, traziam em si os mesmos interesses que não eram simples questões didáticas e nem eram atitudes neutras (SILVA, 1995. p. 62).

Sob esta perspectiva – que envolve a essência do trabalho desenvolvido na UFV, bem como na Semana do Fazendeiro –, QUEDA (1987 *apud* Silva, 1995. p. 63) explica que é:

É preciso considerar os interesses de uma grande variedade de empresas industriais, comerciais e financeiras e as relações que elas mantiveram com os colégios agrícolas, estações experimentais e outras agências, no que diz respeito aos seus “esforços para levar o conhecimento aos agricultores”.

Já que tudo isso implicava em custos e investimentos, o público que participava das atividades desenvolvidas pela UFV, naquela época ESAV, pertencia à elite agrária, ou seja, a única que teria acesso aos conhecimentos e as técnicas que eram produzidos e repassados na Escola. Já os pequenos produtores, ou melhor, a maior parcela da sociedade, era eliminada, pois não teriam sequer viabilidade de aplicar as técnicas de modernização. Portanto, Silva (1995) conclui que as práticas ocorridas na Semana do Fazendeiro, bem como no trabalho desenvolvido pela UFV têm como princípio

norteador a proposta de “levar aos agricultores os conhecimentos gerados como forma de garantir o desenvolvimento do Estado e do país.” (SILVA, 1995. p. 69).

No quadro abaixo, apresento a relação do número de interessados/fazendeiros presentes nas Semanas do Fazendeiro desde a criação do evento em 1929 a 1948.

**Quadro II** – Número de inscritos entre os anos de 1929 a 1948

Semana	Ano	Número de Inscrições
1 <sup>a</sup>	1929	43
2 <sup>a</sup>	1930	139
3 <sup>a</sup>	1931	368
4 <sup>a</sup>	1932	405
5 <sup>a</sup>	1933	458
6 <sup>a</sup>	1934	600
7 <sup>a</sup>	1935	1000
8 <sup>a</sup>	1936	1000
9 <sup>a</sup>	1937	820
10 <sup>a</sup>	1938	803
11 <sup>a</sup>	1939	1096
12 <sup>a</sup>	1940	883
13 <sup>a</sup>	1941	1036
14 <sup>a</sup>	1942	922
15 <sup>a</sup>	1943	1565
16 <sup>a</sup>	1944	1036
17 <sup>a</sup>	1945	1052
18 <sup>a</sup>	1946	1104
19 <sup>a</sup>	1947	1150
20 <sup>a</sup>	1948	1531

Fonte: Livro de Formatura de 1939/ESAV (1929/1939).

Com o quadro II, quero evidenciar a ocorrência do evento Semana do Fazendeiro, ou seja, O evento passou a ocorrer anual e ininterruptamente. E como mostra o quadro, a cada ano o evento fortalecia sua prática, aumentando o número de inscritos

e interessados nas atividades propostas pelo evento, tornando a Semana do Fazendeiro um sucesso, como está descrito no livro de Formatura de 1939:

Há onze anos vem a nossa escola, atacando, com sucesso extraordinário, um ponto muito importante do Serviço de Extensão. A 'Semana do Fazendeiro' representa a modalidade do trabalho de propaganda agrícola em que o agricultor vem receber ensinamentos nas Escolas de Agricultura, estações experimentais, etc. Por esse modo, que a ESAV teve a primazia de iniciar em Nossa Pátria, atestado com a experiência de 11 anos a sua alta eficiência, tem-se dado passos largos e seguros, melhorando e aumentando a produção de muitas fazendas.

Atualmente, a Semana do Fazendeiro é considerada um dos maiores e mais tradicionais eventos de extensão universitária realizado no Brasil. No ano de 2015 foram mais de três mil inscritos nos diferentes cursos técnicos oferecidos. Aberta ao público, a Semana do Fazendeiro passou a ofertar novas formas de entretenimento como feira agrícola e de artesanatos, leilões, Mini Fazenda, exposição de máquinas, estandes técnicos institucionais, praça de alimentação e shows culturais.

Entretanto, a partir do ano 2009, foi solicitado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a criação de um novo espaço dentro da programação da semana do Fazendeiro: a Troca de Saberes. Esta solicitação veio principalmente pelo Programa TEIA<sup>16</sup>, que articula as atividades de extensão na UFV, voltadas para a disseminação de uma proposta mais sustentável em resposta às imposições do agronegócio; ou seja, ao modo de produção capitalista que busca “viabilizar mercados globalizados motivados pela extração de riquezas territoriais” (SILVEIRA, 2014. p. 46).

Com isso, a Troca de Saberes nasceu da tentativa de se criar, durante a programação da Semana do Fazendeiro, um espaço com uma ambiência de interação entre a Universidade e a realidade da agricultura familiar da Zona da Mata Mineira. A partir da ideia de quê os saberes científicos possam dialogar com os saberes populares, assim, horizontalmente, numa perspectiva voltada para a legitimação dos saberes oriundos da prática e do conhecimento popular, gerando um conhecimento novo. Neste sentido, a Troca de Saberes busca trazer para a Semana do Fazendeiro um encontro de saberes, onde a essência desse encontro se baseia a partir do diálogo.

---

<sup>16</sup> Este programa, financiado pelo MEC/SESu, tem como proposta principal a de integrar e articular diferentes projetos de extensão da UFV, orientados pelos princípios de fortalecimento de práticas de extensão dialógicas com maior participação dos sujeitos sociais, assim como de interligação das atividades de extensão-ensino-pesquisa da universidade (MIRANDA et. Al., 2012).

## 2.2 A Troca de Saberes

A Troca de Saberes nasceu conjuntamente ao programa TEIA - programa financiado pelo MEC, que buscava articular diferentes projetos de extensão da UFV, em diálogo com

a Assessoria de Movimentos Sociais da UFV, com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com as Escolas Famílias Agrícolas e os Sindicatos de Trabalhadores (as) Rurais (STRs), entre outros movimentos sociais e culturais da região, sendo apoiada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa. (MIRANDA et. Al, 2012).

“A partir desse diálogo democrático e horizontalizado produzido pelo TEIA nas comunidades, foi se percebendo a necessidade de estabelecer o intercâmbio com a universidade” (Andrade; Belo, 2011. p. 8-9). Foi então, a partir dessa constatação, que aos poucos veio a surgir a Troca de Saberes.

A primeira Troca de Saberes foi realizada no ano de 2009 em apenas um dia, constituindo-se como um espaço de caráter educativo e socializador de saberes, voltado para o compartilhamento de estudos e experiências do e para o campo. Naquela ocasião, foram debatidos, a partir de grupos distintos, os temas “Mundo do Trabalho”, “Terra e Águas”, “Agroecologia” e “Cultura”. Ao final do dia, houve socialização dos diversos temas debatidos pelos grupos.

No ano de 2010, a Troca passou a ser realizada em três dias. Segundo Silveira (2014) nesta edição as temáticas utilizadas em 2009 se tornaram “Rotas temáticas”. Também em 2010 surgiram outros instrumentos metodológicos para facilitação dos debates: as Instalações Artísticas Pedagógicas (IPEd’s) e os Círculos de Culturas, inspirados no trabalho de Paulo Freire. Desse modo,

Em cada rota montou-se três instalações pedagógicas nas várias dependências da UFV, organizadas por professores e estudantes, que trouxeram elementos com o objetivo de socializar as pesquisas e experiências desenvolvidas pela mesma, utilizando-se de cenário os próprios laboratórios e experimentos. Cada pessoa participava de uma rota por dia, que era organizada pela manhã ou à tarde (LOPES et.al., 2013, p. 2).

As “Rotas Temáticas” constituíram-se em espaços onde as experiências agroecológicas se davam na prática, em meio às quais os participantes puderam debater temas como Solos, Gênero, Energia, Educação, Culturas, Agroecologia e outros (LOPES et al, 2013). Entretanto, no ano de 2011, na Terceira edição da Troca, as Rotas Temáticas foram extintas, como conta Lopes (2013):

Em 2011, as rotas desapareceram e permanecem as instalações pedagógicas e os Círculos de Culturas. Cada pessoa participou de uma instalação por dia, permitindo mais tempo para os debates. Foram organizadas 23 instalações pedagógicas, envolvendo vários Departamentos da UFV. Organizou-se, também, o “Empório da Mata”. Com um palco livre, uma feira de produtos agroecológicos e ambientalizado com elementos de todas as instalações, o Empório foi o “corpo vivo” do evento; lugar de encontro das pessoas antes e depois das instalações, buscando potencializar espaços de socialização e trocas de experiências entre agricultoras(es), estudantes, professoras(es), pesquisadoras(es) e técnicas(os). Em 2011 utilizou-se o termo “Culturas” pela primeira vez para designar a cultura como a produção da vida em sua intrigada diversidade (LOPES et.al., 2013, p. 3).

A partir de então, as Instalações Pedagógicas bem com os Círculos de Cultura, vem sendo os principais instrumentos pedagógicos utilizados na Troca de Saberes. As Instalações Pedagógicas (IPED's) “se constituem em cenários montados a partir da realidade existente nas dependências da UFV, como laboratórios, experimentos de campo, museus, etc” (MIRANDA et. Al. , 2012, p. 5). Este instrumento é composto por subsídios e objetos da realidade e criam e recriam uma ambiência problematizadora que provoca e promove a reflexão dos envolvidos, instigando o despertar de sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinizadas a partir da interpretação dialogada entre os participantes (ALVES et. Al., 2011).

Instalações Pedagógicas ou Artístico-Pedagógicas são cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto. Estas são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário. Compõem-se de elementos da realidade e criam uma ambiência problematizadora e suscitadora da reflexão. A experimentação das instalações pedagógicas advém dos programas de formação dos trabalhadores que a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e suas Escolas Sindicais inauguradas nos anos 1980 e 1990 (LOPES, et.al., 2013. p. 2).

Neste sentido, Alvim (2013, p. 5) afirma também que:

Ainda podemos pensar as Instalações Pedagógicas em alusão à reália, que faz parte do método montessoriano de educação infantil. Neste método o aprendizado se dá a partir da relação do educando com objetos da realidade exterior deslocados para o ambiente da sala de aula, assim como nas Instalações Pedagógicas em que os objetos são organizados em uma ambiência que será o ponto de partida para discussão de sentires e saberes sobre o que podem representar.

As imagens abaixo retratam este ambiente mencionado por Alvim (2013): os objetos foram organizados e pensados de modo que os envolvidos nesta instalação pudessem ter acesso aos mesmos e, a partir disso, iniciar o diálogo, bem como compartilhar os sentimentos provocados pela experiência vivenciada

Figura 5 – Ambiência (A) da Instalação Artístico-Pedagógica: (De) LÍrios da Poesia e Paulo Freire / Troca de Saberes 2016



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 – Ambiência (B) da Instalação Artístico-Pedagógica: (De) LÍrios Da Poesia E Paulo Freire / Troca de Saberes 2016



Fonte: arquivo pessoal

As duas imagens sugerem uma dinâmica de interação circular entre os participantes, o que, por sua vez, se inspira na proposta do Círculo de Cultura, formulado por Paulo Freire. Este nos remete à ideia de que o diálogo é um processo de construção do conhecimento coletivo, ou seja, “a perspectiva de todos é levada, crítica e dialeticamente, em consideração” (ROMÃO et. Al., 2006, p.76). No Círculo de Cultura,

quando utilizado como uma metodologia de investigação, pesquisadores e pesquisados são sujeitos da pesquisa, “enquanto pesquisam, são pesquisados e, enquanto são investigados, investigam”. Desse modo, o Círculo de Cultura, pensado por Freire, nada mais é que um “espaço democrático e não de subordinação e dependência do conhecimento do outro” (ROMÃO et. Al. 2006, p.76).

Vale ressaltar que o Círculo de Cultura, segundo Freire (2005, p. 155), “consiste em um espaço de diálogo entre aprender e ensinar, onde não se tem um objeto, mas que todos são sujeitos de trocas de novas hipóteses de leitura de mundo”. O círculo é, pois, feito literalmente para que todos possam ser vistos em igualdade, uma vez que na figura do círculo todos se olham e se veem. Metodologicamente, o Círculo de Cultura acontece a partir das questões a respeito do cotidiano de um determinado grupo, ou seja, antes que se iniciem os debates é feito um levantamento temático entre os participantes a respeito dos assuntos centrais de interesse da comunidade ou do grupo a serem tratados, bem como suas preocupações.

Segundo Romão (2006), o círculo de cultura caracteriza-se por “[...] reunir pressupostos filosóficos, teóricos e metodológicos para ser adotado como método que mobiliza os participantes do grupo a pensar sobre sua realidade dentro de uma concepção de reflexão-ação” (ROMÃO et al., 2006, apud CONTE, 2012, p. 9). Então, “os Círculos não deixam de se constituírem em momentos nos quais a comunidade reflete sobre suas práticas a partir de seu próprio resgate histórico” (SILVEIRA, 2014, p. 42).

Figura 7 – Círculo de Cultura na Instalação Artístico-Pedagógica: (De) Lírios da Poesia e Paulo Freire / Troca de Saberes (2016 )



Fonte: arquivo pessoal

A imagem acima mostra a Instalação Pedagógica: (De) Lírios da poesia e Paulo Freire onde se é possível notar a formação de um Círculo de Cultura. Esta IPED aconteceu na 8ª edição da Troca de Saberes, no ano de 2016, sendo uma proposta de estudantes e professores universitários estudiosos da obra de Paulo Freire, onde os maiores interessados em participar desta Instalação foram estudantes de EFA e estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV (LICENA). Na imagem é retratado o momento em que a facilitadora do diálogo inicia a instalação pedagógica fazendo a leitura de um poema que ela havia acabado de escrever, a partir do seu sentimento em estar ali, tocando e vendo as obras do autor Paulo Freire. A partir de então, cada participante era convidado a compor seu próprio texto. Tais estratégias e princípios aplicados e vivenciados na “Troca de Saberes”, podem ser também entendidos, de acordo com a concepção de Santos (2005, p. 76-78) como:

Uma forma de extensão ao contrário, de fora para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares e tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade.

Ao usar as Instalações Pedagógicas e o Círculo de Cultura como instrumento pedagógico na realização da Troca, o grupo organizador do evento procura viabilizar aos participantes do evento o diálogo com os saberes científicos produzidos pela universidade, a fim de proporcionar na UFV um modo de extensão universitária por uma via de “mão dupla”, isto por que, a dinâmica da Troca de Saberes está fundamentada na teoria da *Ecologia de Saberes*, de Boaventura Souza Santos, onde o saber acadêmico procura dialogar com as outras formas de conhecimento. Nesta concepção, tanto o saberes científicos quanto os populares não são colocados numa lógica de hierarquização, mas sim, na perspectiva do diálogo com as realidades dos envolvidos na ação, pois é necessário para Santos (2005) construir um novo tipo de relacionamento com o conhecimento.

A ecologia de saberes são conjuntos de práticas que promovem uma nova convivência activa de saberes no pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo. Implica uma vasta gama de acções de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos serve de base á criação de comunidades epistêmicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes. (BOAVENTURA, 2005, p. 77-78).

Portanto, na dinâmica proposta pela Troca de Saberes “as Instalações Artísticas Pedagógicas e os Círculos de Cultura são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário” (ALVES et. al, 2011, p. 14).

Nestes espaços trocar saberes nada mais é do que ter implícito que nas relações todos os sujeitos possuem saberes a serem compartilhados e que não há hierarquia entre eles. A Troca de Saberes, neste sentido, implica a abertura ao diálogo, a disposição de se abrir ao novo, dentro e fora da Universidade. (SILVEIRA, 2014. p. 47).

Andrade e Belo (2011) explica que as IPEDs funcionam como um dispositivo produtor de diálogo, que através de um tema específico (tema gerador), provocado por um de seus agentes ou facilitador do diálogo busca-se a discussão entre pesquisadores, estudantes, agricultores e parceiros. Desse modo, as autoras ressaltam que, quando os sujeitos envolvidos na construção desse diálogo compartilham suas experiências busca-se a construção de uma nova percepção através dessas informações compartilhadas.

Para exemplificar o que se é apresentado e debatido nas instalações pedagógicas Miranda et. Al. (2012) apresenta na tabela abaixo, os temas abordados nas instalações pedagógicas da Troca de Saberes nos anos de 2010, 2011 e 2012, bem como esse modelo de metodologia foi crescendo e dando espaço para o debate de diversos assuntos recorrentes, relevantes e voltados para uma proposta de vida mais sustentável.

**Quadro III – Instalações Pedagógicas das edições da Troca de Saberes**

<b>Troca de Saberes</b>			
	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
<b>Instalação Pedagógica</b>	1. Terra, 2. Solo 3. Plantas 4. Animais, 5. Mulher e 6. Economia Popular Solidária 7. Agroecologia 8. Educação 9. Lutas 10. Habitação 11. Resíduos 12. Informática	1. Animais Silvestres e Natureza 2. Cuidando dos Animais Silvestres 3. Homeopatia na agricultura familiar 4. De onde vem o solo? Pedras e terras 5. Plantas e animais na agroecologia 6. Manejo de Sistemas Agroflorestais 7. Ecologia dos Insetos 8. Saúde dos Animais 9. Vida no Solo 10. Construção ecológica 11. Movimentos pela vida: agrotóxicos não! 12. Economia Solidária 13. Tem química no pão? 14. Educação do Campo 15. Água e Resíduos 16. CulturaS	1. Abelhas Nativas 2. Cidades em Transição 3. Plantas e caldas usadas no controle de insetos e doenças 4. Comunicação e mobilização social 5. Educação do Campo 6. Integração Animal 7. Terra: ponto de partida, ponto de chegada. 8. Economia e Solidariedade 9. Veneno esta na mesa! 10. A Terra 11. Juventude 12. Agricultura familiar e a legislação ambiental, direitos e deveres das(os) camponesas(es). 13. Animais silvestres e suas relações com o ser humano e o meio ambiente 14. Avicultura 15. Manejo agroflorestal

		17. Leis Ambientais! 18. Abelhas: mel e polinização 19. Plantas Medicinais 20. Plantas de Quintais e Segurança Alimentar 21.O que fazer com o lixo? Arte e educação! 22. O computador na sua vida! 23. Cidades Sustentáveis. * A IPed Vida no Solo aconteceu por duas vezes, totalizando 24. instalações	16. Cultura Afro-brasileira 17. Vida no Solo 18. Água está para peixes 19. Terra que suja,Terra que pinta, é a Terra com que a gente brinca 20. Comunicação comunitária 21. Horto Botânico e Herbário 22. Computador e internet como ferramentas de comunicação e integração 23. Fotografia 24. Saúde 25.Saúde Integral em Permacultura 26. Plantas de Quintal e uso na Alimentação 27. Desafio do lixo: busca de alternativas * Quatro IPed's aconteceram nos dois dias, totalizando 31 Instalações
--	--	---	--

Fonte: Miranda et. Al. (2012)

Podemos observar na tabela 1, que do ano de 2010 (2ª edição da Troca) à 2012 (3ª edição da Troca de Saberes) aconteceu um ampliação no número de instalações pedagógicas, bem como na diversidade de espaços e temas debatidos entre os participantes do evento. Miranda et.al. (2012) acrescenta que envolveu em 2012 a Troca de saberes apresentou “uma programação intensa, com a presença de aproximadamente 300 participantes oriundos, majoritariamente, de comunidades rurais, urbanas e periurbanas”. A autora explica ainda que em decorrência a uma avaliação positiva realizada ao final da 3ª edição da Troca de saberes sobre o uso das Instalações pedagógicas como arcabouço metodológico do evento ocorreu a inserção do Círculo de Cultura em todas as IPed's. (MIRANDA et. al, 2012).

Com isso, enquanto pesquisadora entendo o uso das IPED's e do Círculo de Cultura como um instrumento capaz de oportunizar o diálogo entre os saberes científicos e populares a partir de novas formas de comunicação, de interação e de troca de ideias, saberes e informações.

Desse modo, retomo ao objetivo central dessa pesquisa e busco localizar nesses espaços de comunicação, o lugar do jovem estudante de Escola Família Agrícola na Troca de saberes. Como esses jovens significam este espaço e de que forma legitimam o seu próprio saber e se trocam seus conhecimentos com os demais. Para isso, faz-se necessário entender de que modo aconteceu essa integração da EFAP no contexto universitário até a participação na Troca de Saberes.

### **PARTE 3 – O MOVIMENTO DA EFAP À TROCA DE SABERES.**

#### 3.1 A articulação entre a EFAP e a UFV.

A participação dos estudantes da EFAP na Troca de Saberes não aconteceu espontaneamente, mas adveio de uma parceria organizada entre a escola agrícola e a UFV, através de professores/pesquisadores desta última instituição que vinham desenvolvendo projetos e pesquisas relacionadas com a educação do campo e afins.

Desse modo, desde a primeira edição da Troca de Saberes as escolas Família Agrícola aparecem como sujeitos/grupos/movimento presentes no evento. E foi seguindo essas parcerias entre a universidade e as EFAs, que me encontrei pela primeira vez dentro da Escola Família Agrícola Paulo Freire. Portanto, a partir da minha experiência contarei aqui um pouco do que vivi com a EFAP, exemplificando de certa forma essa parceria entre a Escola Família Agrícola e a UFV.

Tudo começou em março de 2012, quando iniciava o curso de Pedagogia na UFV e fui selecionada, em um processo seletivo, para ingressar em um projeto de extensão sobre educação do campo. Como boa caloura, me vi logo interessada a participar desse projeto que, até aquele momento, era algo distante do meu conhecimento e da minha realidade social. Entretanto, o que fomentava meu interesse era o fato de considerar importante e relevante para minha formação acadêmica estar inserida em um projeto voltado para a educação.

Repleta de expectativas e sem saber por onde esse “tal” projeto<sup>17</sup> de extensão iria passar, fui chamada para a reunião do grupo de estudantes que já viam pesquisando sobre o tema e dando vida e movimento a este projeto. Naquela primeira reunião, o grupo já pensava e articulava uma visita a EFA Paulo Freire. Foi então que, em abril de 2012, conheci a estrutura física da EFAP.

Quando ainda de longe olhava aquela escola, meus pensamentos sobre o que seria uma escola do campo já estavam sendo lapidados. Ao passar pelo corredor da escola via quartos, sala de aula e escova de dentes. Conhecia, então, e admirava a autonomia daqueles estudantes; tão novos e já responsáveis pelo aquele ambiente (mantê-lo limpo, respeitar as regras de convivência, cuidar da horta). Fiquei encantada. Professores e

---

<sup>17</sup> “O Princípio Educativo do Trabalho” Projeto de extensão sob a coordenação de Geraldo Márcio Alves dos Santos. (2012).

alunos dividindo o mesmo espaço, sentando ao lado na mesa do almoço, contando piada nas escadas da escola era o que me instigava a querer aprender mais sobre aquela escola, aquele jeito de fazer. A ideia primitiva de que a escola do campo seria apenas uma escola comum localizada em uma área rural estava sendo quebrada. Além da localidade e estrutura física, aprendi e conheci particularidades e características bem diferentes das escolas que eu já havia frequentado. O que mais me chamava à atenção nesse modelo de escola é a oportunidade que aqueles jovens tinham de falar suas ideias, pensamentos, opiniões. No meu entendimento, ali [na EFAP], aqueles jovens eram importantes, são sujeitos e autores de sua própria história e formação. Através do meu envolvimento com a EFAP, participei de diversos eventos de formação na e com a escola. Dentre esses eventos destaco alguns específicos: a) A Formação de Monitores; b) A Semana Paulo Freire e c) Troca de saberes;

a) Formação de Monitores

Nesse evento, nós estudantes da UFRV ajudamos na organização do evento, realizando as inscrições, organizando o espaço e na realização de algumas dinâmicas.

Figura 8 – Evento: Formação de Monitores na EFAP.



Fonte: arquivo pessoal

b) Semana Paulo Freire

Neste evento, ficamos quatro dias na EFAP. Nestes dias dividimos o espaço com os estudantes. Vivenciamos o dia a dia dos estudantes de EFA e preparamos

“Serões”, para o final do dia com dinâmicas e ambiências para realizar com os jovens

Figura 9 – Momento de intervalo na Semana Paulo (2013)



Fonte: arquivo pessoal

Figura 10 – Evento: “Semana Paulo Freire”. Metodologia utilizada: Técnica do Teatro do oprimido (2013)



Fonte: arquivo pessoal

### C) Troca de Saberes

Neste evento, cada participante do projeto ficou responsável pela relatoria de uma instalação pedagógica da Troca de saberes. Eu escolhi a Instalação Artística

sobre TEDEM<sup>18</sup> (Teclado Didático para Educação Musical), oferecida pelo musicista Estêvão Couto Teixeira.

Figura 11 – Instalação Pedagógica: Educação Musical (2013)



Fonte: arquivo pessoal

Figura 10 – Instalação Pedagógica: Cátedra Paulo Freire (2017)



Fonte: arquivo pessoal.

Em 2017, a Cátedra Paulo Freire foi uma das opções de Instalação Artística Pedagógica oferecida durante a 9ª edição da Troca de Saberes. Nesta instalação, participei já como aluna do mestrado e membro da Catédra Paulo Freire da UFV,

---

<sup>18</sup> Método de ensino de Educação Musical criado pelo flautista Estêvão Couto Teixeira. Este método é visto como um exemplo de aplicação da Pedagogia Freiriana.

projeto idealizado pelo Professor Edgar Pereira Coelho que trouxe para a nossa instituição um espaço, bem como a oportunidade de estudar, divulgar e articular diferentes sujeitos e estudos sobre Paulo Freire dentro da UFV.

### 3.2. A participação do estudante da EFAP na Troca de Saberes: Problematizações

Para esta pesquisa, entrevistei os alunos do 2º e 3º ano da EFAP que se dispuseram a participar do presente trabalho, sendo que o principal critério para as entrevistas era o fato de os mesmos terem participado de pelo menos uma Troca de Saberes. Foram 6 estudantes, que se abriram conversar com a pesquisadora. Além dos estudantes, entrevistei também o diretor da EFAP, a fim de coletar dele informações a respeito do propósito da escola em instigar e oportunizar a participação dos alunos na Troca de Saberes.

A EFAP realiza e participa de diversos eventos internos e externos à instituição, mas a Troca de Saberes, além de acontecer no campus Viçosa da UFV, é um evento que reúne um número maior de participantes. Desse modo, de acordo com o diretor da EFAP, a escola é convidada a participar da Troca de Saberes e esse convite é muito bem aceito e recebido pela escola, pois:

Enquanto diretor penso que a Troca de Saberes reforça, motiva, contribui e fortalece o debate que tá acontecendo aqui dentro da escola. E, eu quero colocar uma pessoa da equipe lá, para que nossos jovens percebam lá fora o que a gente faz aqui e percebam que tem mais gente fazendo. E que tem futuro, tem sentido, tem legitimidade. Então, é fundamental pra contribuir com o plano da EFA, reforça o que a EFA tá fazendo. Depois, reforça na formação do jovem, na construção da identidade do jovem enquanto cidadão, empoderando ele, para que ele contribua mais aqui e também em sua comunidade. (diretor da EFAP)

Segundo Silveira (2014, p. 45) “a Troca de Saberes é uma tentativa de criar ambientes de interação relacionados à realidade da agricultura familiar tendo como foco a disseminação da Agroecologia em resposta às imposições do agronegócio (...)”. A autora acrescenta que “o objetivo desta interação é que o conhecimento construído possa ser visualizado por outros ângulos e por outros sujeitos numa nova cena (...)” (SILVEIRA, 2014. p. 48).

Portanto, é com o objetivo de aprimorar os conhecimentos de seus educandos acerca dos temas relacionados à agricultura familiar e à disseminação da agroecologia, que o Diretor da EFAP seleciona um número de discentes a participar da Troca de

Saberes, ou seja, a EFAP não envia todos os alunos ao evento, sendo que geralmente são escolhidos 15 a 20 jovens. Essa escolha é feita a partir da observação feita ao longo do ano pelos monitores, quando são escolhidos os alunos considerados com perfil e/ou preparados a ir ao evento e que tenham sintonia com o tema que será apresentado e debatido na Troca. Depois de serem selecionados, esses jovens recebem uma preparação (em forma de Serões de estudo) um dia antes do evento. A dinâmica de um Serão consiste em aprofundar um tema gerador, a partir de atividades lúdicas e diversificadas. É preparado também neste momento, ambiências, conforme usadas nas Instalações Artística Pedagógica, para instigar a percepção e compreensão dos jovens sobre a realidade que os cercam, e não somente isso, mas, sobretudo, fomentar uma compreensão crítica a respeito do modo de vida no Campo.

Particpei, juntamente aos jovens da EFAP, de duas edições da Troca de Saberes: na 8ª edição da Troca, no ano de 2016, e a 9ª edição realizada no ano de 2017. Entretanto, somente na 9ª edição procurei conversar e interagir mais com os estudantes da EFAP. Na 8ª edição procurei participar e observar o evento como um todo, pois como até então só havia trabalhado na Troca, muitos espaços e momentos eu nem havia conhecimento que existiam. Portanto, somente na 9ª edição, no ano de 2017, me senti mais preparada a acompanhar os jovens e observar a movimentação daqueles estudantes no evento: o que procuravam fazer, suas prioridades, o envolvimento deles nos círculos de cultura e nas instalações pedagógicas.

Vale ressaltar que, devido ao número relativamente grande de estudantes – podendo variar esse número entre 15 a 20 jovens escolhidos para participar da Troca – e a diversidade de espaços proposto pelo evento, os discentes foram se dividindo nos espaços da Troca. Então, minha observação foi feita objetivando acompanhar o movimento em sua totalidade, procurando realizar alguns encontros espontâneos com o grupo da EFAP, com o intuito de perceber os sentimentos, os olhares e os significados que eles atribuíam ao que estava sendo falado e/ou exposto.

Nas entrevistas realizadas com os alunos da EFAP para esta pesquisa, estes, ao serem questionados sobre a relevância de participarem na Troca de Saberes, responderam de maneira unânime que aquele momento da Troca era uma oportunidade de buscar novos conhecimentos.

A Troca de Saberes é muito produtivo né? Tinha muitas oficinas voltadas para a realidade da escola e conhecimento nunca é demais, né? Mesmo que seja um tema que a gente já trabalhou, sempre trás pontos diferentes, outra visão. (Thaís – aluna da EFAP).

A Troca é uma experiência muito boa né? A gente aprende com as pessoas e as pessoas aprendem com a gente. (Gabriela – aluna da EFAP).

Dentre os jovens que entrevistei, três deles (Tiago, Érica e Ulisses) participaram de três edições da Troca da Saberes. Disseram eles que a primeira vez que compareceram ao evento buscavam por um momento de lazer, descontração e também a oportunidade de conhecer novas pessoas. Mas, ao se verem dentro da Semana do Fazendeiro – e especialmente dentro da Troca de Saberes – perceberam a importância de se estarem ali enquanto jovens e, para além daquele momento de lazer que também é possível vivenciar na Troca, puderam experimentar um pouco da troca de conhecimentos, experiências, encontro, formação, técnica e a motivação.

Quando fui pela primeira vez [à Troca de Saberes], fui mais com visão de festa, eu não entendia o que era a Troca de Saberes. Quando eu cheguei lá, tomei aquele choque de realidade. Pensei: Semana do Fazendeiro, com isso? Depois que eu estava lá que eu fui entender o que era. E quando acabou o evento, não deu vontade de ir embora, lá eu me encontrei, porque eu sou quilombola, né? E lá eu encontrei uma galera quilombola também. E eu moro numa comunidade quilombola que as pessoas não se identificam. E eu também era assim, não me aceitava, não me via quilombola. A troca abre a mente das pessoas, fortalece a cultura da gente. (Tiago, aluno da EFAP).

A fala Tiago é indicativa de que a Troca de Saberes ativa experiências não apenas de troca de conhecimentos, mas também de comunhão identitária, no momento em que ele próprio passa a se pensar como membro de uma comunidade – como membro de uma história de lutas comunitárias – graças à oportunidade que aquele encontro possibilitava às “relações”, ao contato, à identificação e ao reconhecimento do sujeito como indivíduo e/ou pertencente a um grupo ou comunidade. E, de acordo com outra discente da EFAP:

A gente vai na Troca de Saberes pelo fato de ser uma junção dos movimentos sociais; vão outras etnias; aprofunda nessa questão mais cultural e também para trocar esses saberes. E a Troca é voltada para a identidade camponesa. E nos anos que eu fui a gente aprofundou muito nessa questão da cultura. Isso é o que perde muito nas comunidades hoje em dia, né? A cultura tradicional é perdida na comunidade. E a Troca de Saberes vem com esse intuito de resgatar, né? (Érica – aluna da EFAP)

As falas acima discriminadas nos remetem à consciência desses jovens de pertencer a um movimento, a um grupo que luta por uma causa que se articula que vínculos comunitários e camponeses, o que faz com que a Troca de Saberes seja:

(...) uma motivação, porque quando a gente se identifica como camponês, a gente quer algo que nos motive a ficar no campo. Hoje a gente vê tanta coisa que quer nos tirar do campo, o próprio agronegócio, a monocultura... E o campo é um lugar de diversidade, é um lugar de paz e quando você visa só o dinheiro, “o campo é o lugar onde se vai produzir pra vender”, isso tira a

diversidade da gente do campo. E lá [a Troca de saberes] nos motiva, quando te trás essa diversidade de volta, essas culturas de volta, e a gente percebe que não somos sozinhos, existe outras pessoas vivendo e resistindo também. Então, a Troca de Saberes pra mim é motivação! (Érica – aluna da EFAP).

Na linguagem dos educandos da EFAP, noto que prevalece o sentido de receber a Troca de Saberes como uma espécie de “carregador de energia, de ânimo e de coragem”, pois reconhecerem ali semelhantes na luta não apenas pela terra, mas também por um modo de viver. Eles, assim, se identificam como camponeses, como cidadãos responsáveis não só pelo campo, mas, sobretudo, pela problemática sócio-ambiental, que envolve uma complexa relação entre o campo e a sociedade como um todo.

Contudo, não podemos perder de vista que na Troca de Saberes, o que é favorecido é uma postura de potencialização de uma ecologia de saberes que se sustenta na perspectiva de que os saberes não são superiores uns aos outros, mas se encontram em um campo de diálogos e/ou de extermínio. Assim, se por um lado na Troca os estudantes potencializam os próprios saberes que cultivam no campo – saberes tantas vezes discriminados por não serem considerados “científicos”, eles vivenciaram que o evento construía uma ponte entre saberes, trazendo a perspectiva científica como uma possibilidade de conhecimento viável, mas não a única.

Nesse sentido, nos momentos de construção na participação na Troca, os estudantes da EFAP afirmaram conseguir um tipo de diálogo mais efetivo entre saberes científicos e populares durante as instalações pedagógicas, uma vez que nestas últimas os grupos reunidos eram menores e podiam se conhecer, trocar experiências, informações e fazer amizade também. Entretanto, quando do grande Círculo de Cultura, realizado na “Tenda Principal”, alguns discentes entrevistados alegaram não ter tido oportunidades para falar ou para se expressar sobre suas experiências ou conhecimentos. A fala de Tiago é ilustrativa dessa situação, sendo que ele sustenta que:

Lá na Tenda Principal eu não vejo muita oportunidade para se expressar não. Quando a gente vai pras instalações pedagógicas acontece mais essa troca. Lá na tenda principal onde acontecem as palestras a gente fica mais escutando. (Tiago – aluno da EFAP).

A fala de Tiago é indicativa de que em alguns espaços da Troca o jovem se coloca apenas como ouvinte. O que me faz levantar uma questão: até que ponto a forma com que a Troca tem sido conduzida está proporcionando aos jovens um efetivo espaço para apresentarem suas experiências, suas ideias e propostas? Independente de uma resposta específica a essa questão, o que ficou marcante no processo de acompanhar os

jovens da EFAP durante as diferentes dimensões da Troca de Saberes foi à vontade dos mesmos de marcarem aquele espaço com suas presenças. Na imagem que se segue, um jovem da EFAP desenhou o slogan de sua escola no cartaz da mesa da partilha (durante a 9ª edição da Troca de Saberes- 2017) em meio às marcas de diferentes grupos participantes do evento. Ao ver essa imagem, refletindo sobre ela, entendi a atitude do jovem tanto como a afirmação de pertencimento a um grupo específico – no caso a EFAP – a quanto também à afirmação de seu direito de se fazer presente no evento, marcando o espaço de sua escola e de si mesmo naquele encontro.

Figura 11 – Mesa da Partilha ( Troca de Saberes - 2017)



Foto: Arquivo pessoal.

Naquele momento, questionei Ulisses sobre aquele desenho da EFA representado no papel, e ele respondeu que:

A partir do momento que eu entrei na EFA Paulo Freire, muita coisa mudou, sabe? Eu não gostava nem de mexer com terra, pra você ter ideia. Eu morava numa comunidade rural, mas não mexia nem com a horta da minha casa. Eu não gostava de estar ali. E foi eu conhecer a EFA que eu fiz as pazes com as minhas origens. Hoje, eu me sinto orgulhoso de estudar nesse lugar e estar aqui representando minha escola.

É interessante de se notar o quanto a Troca de Saberes legitima tanto o espaço identitário da EFAP para Ulisses, quanto também afirma a importância dos trabalhos no campo. Daí que muito do movimento dos diretores da EFAP consiste em promover, na Troca de Saberes, um (re)encantamento do campo para os jovens que dela participam. A produção de uma nova sensibilidade, de uma nova política com a terra e com os modos de produção parecem ser assumidos como uma aposta para a juventude. Tanto é que, em

um dos encontros com um grupo de estudantes da EFAP, na 9ª edição da Troca de Saberes, Gabriela partilhou comigo que:

Se você reparar, a maior parte das pessoas que estão aqui são jovens, somos nós! Muitas famílias enviam os seus filhos para a Troca, porque muitas vezes o adulto (pai ou a mãe), não pode deixar a propriedade para vir participar da Troca de Saberes. Então, hoje percebo aqui que a maioria é a gente. E isso quer dizer muita coisa sabia? Olha o quanto somos responsáveis pelo que viemos buscar aqui. (Gabriela – aluna da EFAP).

E Érica acrescenta que:

Ser jovem é ser responsável. Juventude é viver; não é viver encostado naquele comodismo; é você enfrentar os desafios e encarar a vida de frente mesmo. Por isso estamos aqui.

Assim, no período em que estive acompanhando os educandos da EFAP na Troca de Saberes, compreendi que aquele evento se fazia importante no conjunto de encontros que ele oportunizava, sendo os principais:

- 1) o encontro com a UFV;
- 2) o encontro com diversas comunidades (fossem camponesas, quilombolas, indígenas, etc)
- 3) o encontro com outros jovens estudantes de EFAs.
- 4) o encontro com a responsabilidade de conduzir uma forma de viver-pensar a vida camponesa.

Assim, se por um lado o encontro com a própria Universidade Federal de Viçosa favorece com que aqueles jovens sintam o impacto de transitar por uma instituição de ensino maior e mais complexa do que aquela que eles habitam em suas comunidades rurais, igualmente tem o poder de criar neles a experiência de que é possível participar daquela instituição como estudantes quando virem a deixar o Ensino Médio. E, sendo que a UFV acolhe uma diversidade de comunidades no processo da Semana do Fazendeiro e da Troca de Saberes, aqueles jovens, no encontro com outras comunidades, tendem a se sensibilizar para o entendimento de que a vida rural não é uma experiência isolada e “atrasada”, mas se compõe numa luta que é coletiva, sendo que existem outras comunidades que buscam pelo objetivo de construção de uma vida sustentável no planeta.

Desse modo, o encontro, na Troca de Saberes, com outros jovens estudantes de outras escolas famílias agrícolas localizadas em outras cidades ou estados, parece tender

a fortalecer – pelo menos dentro da realidade dos jovens da EFAP que participaram desta pesquisa – o movimento dos jovens estudantes de EFA e a luta dos mesmos por uma escola não somente localizada no campo, mas apropriada à realidade do campo e, sobretudo, conduzindo um ensino de qualidade não apenas para cumprir as exigências para a transição para o Ensino Superior, mas também a exigência para se pensar outros modos de vida viável e sustentável no Campo.

Assim, quando me aproximo dos estudantes de EFAP presentes na Troca de Saberes, considero que os mesmos, nas relações que construíram nos encontros que participaram, deram ao que aqui arrisco a denominar de um movimento estudantil do campo, no sentido de que procura pensar, trocar e legitimar suas lógicas de ação em torno de práticas agroecológicas.

*Traga a bandeira de luta, deixa a bandeira passar...  
Essa é a nossa conduta, vamos unir pra mudar!*

*Deixe fluir a esperança porque na lembrança vamos resgatar  
Guardada bem na memória a nossa história vai continuar.*

*Bate cundum na Bandeira, o bate cundum da mudança chegou  
É na roça, na cidade, na sociedade sou trabalhador.*

*Temos um projeto novo: a cidadania no libertador. Não fique aí parado,  
se ajunte à moçada. É nessa que eu vou.*

*Você que é jovem consciente, e ajude a gente a se organizar. Buscando a  
cidadania, e no dia-a-dia vamos chegar lá.*

*Somos da história sujeitos e nossos direitos não podem acabar. Os nossos  
sonhos de busca, de paz e justiça vão continuar.*

( *Bandeira de Luta* <sup>19</sup>- *Pastoral da Juventude*).

Assim, o que os jovens vivenciaram foi uma diversidade criativa que, por sua vez, não nega a presença dos dissensos e dos conflitos. Segundo Silveira (2014, p. 54), “a participação das comunidades e dos movimentos culturais e locais da região da Zona da Mata Mineira no evento da Troca de Saberes gerou aproximação, mas também impasses entre as diferenças dos saberes dos sujeitos envolvidos” (p. 54). E em sua pesquisa, a referida autora sinalizou que na 5ª edição da Troca de Saberes foi perceptível um distanciamento entre os saberes dos sujeitos envolvidos no evento. A autora descreve esse distanciamento devido as seguintes razões:

---

<sup>19</sup> Música cantada pelo artista popular Tião Farinhada durante a 9ª edição Troca de saberes.

(...) entre os jovens, os adultos e os idosos das comunidades participantes houve certas resistências. Os jovens das diversas comunidades não demonstravam envolvimento ao se verem diante das experiências de vida dos mais velhos e das tradições de suas comunidades. A falta de interesse dos jovens, em parte, pode ser explicada pelo fato dos mesmos constituírem um público que em busca de melhores condições de trabalho e de vida ausentam-se ou pretendem se ausentar muito cedo de suas comunidades e, portanto, acabam por perder o interesse pela cultura de seus locais de origem. A procura dos jovens por oportunidades de trabalho manifesta-se na busca por conhecimentos que os qualifiquem para tais oportunidades, o que torna estes conhecimentos legítimos em comparação aos conhecimentos tradicionais.

Tendo em vista que ao se falar em Jovem e Juventude amplia essa discussão, entretanto, com base no público que selecionei para a realização dessa pesquisa, jovens e estudantes de EFA, mais especificamente estudantes da EFA Paulo Freire, vim de encontro com um público jovem mais envolvido com a Troca de saberes, havendo, por parte dos (as) dos alunos (as) da escola Família Agrícola pesquisada, certo comprometimento participativo e maior responsabilidade e sensibilização dos mesmos com as discussões campestres do evento. Foi, no meu acompanhar, significativo o engajamento dos jovens estudantes de EFAs, em especial da EFAP, nos assuntos e projetos dos movimentos sociais agrícolas.

Por sua vez, em sua pesquisa, Silveira (2014) considerou que “houve também o distanciamento dos adultos e idosos em relação aos jovens” (p. 56). Tal resistência se dá, segundo Santos (2002) na dificuldade que os mais “velhos” têm de aceitar e compreender o novo. A autora concluiu, portanto que na 5ª edição da Troca de Saberes (2013), ano de sua pesquisa, esse distanciamento temporal se transformou também em um distanciamento comunicativo, o que dificultou uma abertura maior ao diálogo entre os sujeitos durante o evento.

Em concordância a conclusão de Silveira (2014) sobre a 5ª edição da Troca de Saberes, percebi que esse “problema” detectado pela autora persistiu na 9ª edição da Troca de Saberes. Com base nas entrevistas que realizei e observando a postura dos jovens durante os diferentes espaços da Troca, foi possível notar certo distanciamento dos jovens em relação ao público mais experiente, como se houvesse uma espécie de fenda entre gerações. Ficou aberta, então, novamente a questão exposta anteriormente neste trabalho: é pensado na Troca de Saberes um espaço para as juventudes rurais em diálogo com outras gerações?

Se a Troca de Saberes é um evento que segue uma programação e uma temática pensadas com meses de antecedência, seria possível a construção de um espaço para os jovens, no sentido de proporcionar aos estudantes de EFAs não somente a possibilidade

de participar como ouvintes, mas privilegiar momentos em que pudessem relatar e apresentar aos demais o que eles, os jovens do campo, têm realizados em suas escolas? Acredito que isso de certa forma, poderia contribuir para que os jovens entendessem melhor a sua participação e importância para o movimento.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desenvolver uma dissertação a partir da minha experiência com a EFAP e em busca de novas compreensões acerca da participação do jovem estudante na Troca de Saberes da UFV têm me proporcionado vários momentos de reflexão e aprendizado. Venho refletindo sobre a formação dos jovens do Campo e como este modelo personalizado de escola têm proporcionado ao jovem estudante um amadurecimento e comprometimento com realidade do Campo. Percebo a EFAP como um modelo de escola que busca formar jovens, não somente, capazes de desenvolver atividades e conteúdos curriculares, mas, além disso, capazes de compreender as lutas que os cercam e fundamentalmente a responsabilidade que fecunda ao pertencer ao campo e o que isso traz como consequência para a vida do jovem e para a sociedade.

Como pedagoga, sinto-me privilegiada, mas não só, responsável por fazer algo mais, pelo movimento estudantil das EFAS e para ampliar os conhecimentos acerca desse modelo de escola e a importância da história de criação da EFAP para o movimento agrícola da Zona da Mata Mineira. Acredito que essa pesquisa trará benefícios para os estudos desenvolvidos sobre a Troca de Saberes, bem como, para os estudos desenvolvidos na/para a EFAP e, de certa forma, possibilitar que novos estudos sejam realizados, a fim de que, novas questões possam ser tratadas e que a Troca de Saberes e os demais grupos que compõem a realização deste evento possam, ao longo de suas edições, aprimorar e repensar o lugar do jovem neste espaço, e como estes jovens podem contribuir de maneira mais ativa no evento, trazendo suas questões e aprendizagens para serem apresentadas.

Além disso, no decorrer deste estudo, foi possível constatar algumas questões sobre a participação dos estudantes da EFAP e os significados que estes jovens atribuem sobre a própria participação deles no evento, bem como os sentimentos e observação destes jovens sobre o espaço. Uma dessas questões é o fato do estudante conceber a Troca de Saberes como um lugar que se vai em busca de novos conhecimentos, desconsiderando a possibilidade de “troca”, ou seja, foi perceptível como os estudantes

se percebem, esquecendo que eles também são produtores de conhecimento e que o verdadeiro sentido de participar da Troca de Saberes é compartilhar também aos demais participantes da Troca suas práticas e suas experiências desenvolvidas na escola e na comunidade. Outra questão levantada com esta pesquisa foi o certo distanciamento no diálogo entre gerações na Troca de Saberes, isto é, o diálogo, de acordo com as falas dos jovens, acontece mais propriamente entre jovens. E o momento que se realiza em forma de Círculo de Cultura na Tenda Principal que é visto como o palco principal da Troca, neste momento os jovens se vêem apenas como ouvintes.

A partir da narrativa, ou seja, da minha experiência com a EFAP propus narrar sobre a movimentação e participação dos jovens na Troca de Saberes e como estes jovens significam este espaço. Portanto, cumprindo o primeiro objetivo desse trabalho, realizei uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o nascimento da Troca de Saberes na UFV, e como se deu a participação da EFAP no evento. Contudo, para o desenvolvimento deste trabalho utilizei da realização de entrevistas e da observação.

O que pude constatar a partir da concretização desses objetivos, foi que a participação do estudante, mais especificamente dos jovens da EFAP na Troca de saberes é uma participação onde não só os jovens se mobilizam, mas, a escola se mobiliza de maneira fundamental no sentido, não apenas de fazer o convite ao jovem, mas oferecer uma formação antes da realização do evento com o objetivo de proporcionar a estes jovens o maior envolvimento e entendimento dos assuntos que serão tratados no evento.

A partir das observações, foi possível perceber que a Troca de Saberes oportuniza o encontro dos jovens com a UFV, com outros jovens, com outros jovens estudantes de EFA e fundamentalmente com uma forma de viver-pensar a vida no Campo. Por meio das entrevistas foi possível constatar que os estudantes da EFAP estão cientes da importância de participarem da Troca de Saberes, visto que vêm no espaço uma forma de dar visibilidade ao movimento EFA, e a luta dos mesmos por uma escola não somente localizada no campo, mas apropriada à realidade do campo.

O último objetivo dessa pesquisa remete a problematização dos significados e da participação dos jovens na Troca de Saberes. A partir dos questionamentos realizados, foi possível constatar que é preciso repensar sobre um espaço para as juventudes rurais, ou seja, que este grupo/movimento tenha também um espaço conforme outros grupos e pessoas têm durante a programação da Tenda Principal para que estes jovens apresentem de forma mais global no evento suas experiências e práticas agroecológicas,

visto que essa ação poderá motivar ainda mais os jovens em participar do evento, e principalmente em instigar a escola e os estudantes em inovar suas práticas, fomentando a criatividade e o engajamento desse grupo no movimento agroecológico.

Dessa forma, acredito que repensar a participação dos jovens na Troca de Saberes proporcionará uma efetiva ecologia de saberes para além das estruturas metodológicas, mas compreendida pelos diferentes grupos e culturas presentes no evento. O nome recebido ao evento “Troca de Saberes” precisa ser compreendido por todos os grupos envolvidos nele, superando a ideia e/ou postura de determinados grupos, como por exemplo, os estudantes de EFA, de que estão ali para buscar conhecimentos, onde a ideia de que se devia ter é que participam da Troca de Saberes para aprender e ensinar, assim, numa via de mão dupla, levar e buscar conhecimentos, práticas, experiências, saberes, etc.

Outra questão levantada a partir do cumprimento dos objetivos dessa pesquisa consiste em averiguar se a metodologia do evento oportuniza o diálogo entre os diferentes grupos que participam da Troca. E o que pude perceber a partir da pesquisa bibliográfica, com as entrevistas e com a observação é que é sentido certo distanciamento no diálogo entre os jovens e participantes mais experientes do evento. Tomando consciência desse fato e sendo o Círculo de Cultura e as Instalações pedagógicas instrumentos metodológicos facilitadores do diálogo, vale refletir, portanto, as causas desse distanciamento e de que forma este poderá ser superado?

A Troca de Saberes que é um evento pensado a partir da Ecologia de Saberes deve proporcionar aos participantes, essa lógica, em seu realizar, colocando os espaços e os grupos visivelmente de maneira linear e com espaços igualmente oportunizados. De maneira que em jovens, nem idosos, nem pesquisadores se sintam mais ou menos valorizados no evento. E, em busca dessa conscientização que acredito que a Troca bem como seus participantes deva buscar, para que os objetivos da Troca de Saberes, bem como a disseminação das práticas agroecológicas e sustentáveis sejam harmoniosamente construídas e divulgadas. Vale ressaltar que entendo que a metodologia e programação da Troca seja pensada e construída justamente pensando nessas considerações.

## REFERÊNCIAS

- ALMADA, F. A. C. de. **A experiência educativa de uma casa familiar rural e suas contribuições para o desenvolvimento local**. Dissertação de mestrado. UFPA/NAEA, 2005.
- ANDRADE, A; BELO, J. **Fé na Terra - Documentário Sobre a Troca de Saberes 2011**". (2011). Orientador: Marcelo Loures dos Santos. Viçosa- MG.
- AZEVEDO, J. A. **A Formação de Técnicos agropecuários e a alternância no estado de São Paulo: Uma proposta inovadora**. Tese de Doutorado, Marília, 1998.
- ALVES, C. F; BARBOSA, W. A; CARDOSO, I. M; MÂNCIO, A. B; JUCKSCH, I.; COELHO, E. P.; SANTOS, M. L. dos. **Troca de Saberes 2011**. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Universidade Federal de Viçosa – MG. 2011.
- ALVIM, Mayara Helena. **Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção**. 2013. Universidade Federal de Viçosa.
- BARBOSA, J., PONTE, V., OLIVEIRA, M.; MOURA, H. Análise das metodologias e técnicas de pesquisas adotadas nos estudos brasileiros sobre Balanced Scorecard: um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006. In J. Lopes, J. Francisco; M. Pederneiras (Orgs.), **Educação contábil: tópicos de ensino e pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BEGNAMI, J. B. **Pedagogia da alternância como sistema educativo**. In: Revista da formação por alternância. N. 2. Brasília: UNEFAB, 2006, p.24-47.
- BOGDAN, R; Biklen, S. (1994). **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora.
- COMETI, Ellen Scopel. **A Extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV): 1926 – 1948**. Universidade Federal De Juiz De Fora 2005.
- CUNHA, R. Fac. Edu., São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GADOTTI. M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Cortez editora. 1997.
- GALVÃO, C. Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GARRAFA, V. **Extensão: a universidade construindo saber e cidadania**. Relatórios de atividades, 1987/88. Brasília, UNB. 1989. 124p.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: Comunicação ou Domesticação**. São Paulo, Cortez. Autores associados, UFC, 1986. 182p.

LOPES, L. S.; CONTE, G. M.; CRUZ, N. A. C.; CARDOSO, I. M.; AMORIM JR., PAULO, C. G. **Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, É. L. ; SILVA, L.H ; ZANELI, F. V. ; BHERING, M. S. **Troca de Saberes: Novos Enfoques Metodológicos na Construção do Conhecimento Agroecológico na Zona da Mata Mineira**. ISSN: 2179-3624. In: I Seminário Internacional de Educação do campo e I Seminário Regional da Região Sul do RS: campo e cidade em busca de caminhos comuns I SIFEDOC, 2012, Pelotas. Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns, 2012. v. I.

MOURA, R. C. A. **Pedagogia da Alternância: Limites e perspectivas do PROJOVEM campo em Minas Gerais**. Dissertação Mestrado (2011). Universidade Federal de Viçosa. Orientador (a): Lourdes Helena da Silva.

NOSELLA, P. **Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012.

RIBEIRO, M. G. **Uma instituição modelar: A experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – 1926-1948**. Cadernos de História da Educação v. 9, n. 1 jan./jun. 2010.

PACHECO, J. C. de A. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2016. **Intensidades e conexões de um sujeito em sua trajetória na complexidade do movimento das Escolas Famílias Agrícolas**. Orientador: Eduardo Simonini Lopes. Coorientadores: Carlos Riádigos Mosquera e Lourdes Helena Silva.

ROMAO, J. E.; CABRAL, I. E.; CARRÃO, E. V. de Miranda; COELHO, E. P. **Círculo epistemológico. Círculo de Cultura como Metodologia de Pesquisa**. São Paulo : IPF, 2006. (Mimeo.) Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/educacao-elinguagem/educacao-e-linguagem-13/circulo-epistemologico-circulo-de-cultura-comometodologia-de-pesquisa/>. Acesso em junho 2016.

RIBEIRO, M. G. **Caubois e caipiras, os land-grant colleges e a escola superior de Agricultura**. História da Educação/ASPHE (Associação Sulriograndense de Pesquisadores em História da Educação. Pelotas: FaE/EFPel, n.9, 2006, pp. 105-119.

SANTOS, B. de S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** Educação Sociedade & Cultura, n. 23, p. 137-202, 2002.

\_\_\_\_\_. **A universidade do século XXI.** São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, L. H. **Centros Familiares de Formação por Alternância: Avanços e perspectivas na construção da educação do campo.** Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional, v. 8, p. 270-290, 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação Rural em Minas Gerais: origens, concepções e trajetória da Pedagogia da Alternância e das Escolas Família Agrícola.** Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 3, n. 1, p. 105-125, jan./jun. 2012

\_\_\_\_\_. **Nuances: estudos sobre Educação.** Ano XVII, v. 17, n. 18, p. 180-192, jan./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **A Educação do Campo em foco: avanços e perspectivas da Pedagogia da Alternância em Minas Gerais.** In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED (GT MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO Nº 3). 2005. Anais... Caxambu: Anped, 2005.

SILVA, U. M. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV.** Dissertação de Mestrado. Viçosa: Departamento de Economia Rural. Universidade Federal de Viçosa, 1995.

SILVEIRA, P. R. **Tecendo saberes no Teia/UFV: práxis e extensão universitária.** Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2014. Orientador: Willer Barbosa Araujo.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNEFAB. **Estatuto da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB).** Brasília, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV. **Catálogo de formandos de 1939.** Viçosa, 1939.

**ANEXOS**

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, na qualidade de responsável pela “Escola \_\_\_\_\_”, autorizo a realização da pesquisa intitulada “Trocando Saberes e Construindo Conhecimentos: A Participação do Jovem do Campo na Troca de Saberes” a ser conduzida sob a responsabilidade dos pesquisadores Edgar Pereira Coelho e Fernanda Fernandes da Silva. Declaro, que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa, que autorizo aos pesquisadores o acesso aos Regimento Escolar e ao Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como a realização de entrevista com os educandos e que essa autorização somente será válida no caso de obter parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa.

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo de consentimento segue a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Você está autorizando seu (a) filho (a) a participar da pesquisa “Trocando saberes e construindo conhecimentos: a participação do jovem do campo na Troca de Saberes” como voluntário (a). Nesta pesquisa pretendemos acompanhar como seu filho (a) pensa a educação e a construção do conhecimento coletivo a partir da sua participação no evento Troca de Saberes. Na presente investigação seu filho (a) será convidado (a) a responder nove perguntas relacionadas com o tema da pesquisa. Contudo, ao responder as questões poderá haver o risco de constrangimento pelo fato de você vir a se sentir pessoalmente exposto(a) em algumas discussões que possam vir a acontecer. Para evitar tal constrangimento, informamos que o nome do seu (a) filho (a) será omitido e substituído por um pseudônimo a fim de que sua privacidade seja preservada. O estudante também poderá se negar a responder quaisquer das perguntas, caso não se sinta confortável. As anotações das possíveis discussões que possam emergir serão arquivadas sob a responsabilidade do pesquisador principal desta pesquisa e serão divulgadas apenas em trabalhos científicos. Acreditamos que os resultados da presente pesquisa trarão benefícios ao estudante no sentido que as discussões poderão favorecer um melhor autoconhecimento a respeito de suas escolhas acadêmicas e profissionais e também favorecer uma problematização em torno do evento. Para participar deste estudo você ou seu filho não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, sendo que tem garantida a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento de participação na pesquisa em qualquer fase da mesma, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você será atendido (a) pelo pesquisador. Caso queira entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa, poderá fazê-lo pelo telefone (31) 3899-1385 ou pelos seguintes e-mails: [edgar.coelho@ufv.br](mailto:edgar.coelho@ufv.br); [fernandafernandesufv@gmail.com](mailto:fernandafernandesufv@gmail.com). Qualquer dúvida a respeito de procedimentos éticos, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, pelo telefone (31) 3899-2492 ou pelo e-mail: [cep@ufv.br](mailto:cep@ufv.br).

Eu, \_\_\_\_\_,  
contato \_\_\_\_\_, fui informado(a)  
dos objetivos da pesquisa “Trocando saberes e construindo conhecimentos: a  
participação do jovem do campo na Troca de Saberes de maneira clara e detalhada, e  
esclareci minhas dúvidas. Sei que, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho  
Nacional de Saúde, a qualquer momento poderei solicitar novas informações e  
modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro, assim, que concordo  
em participar da pesquisa e que recebi uma via original deste termo de consentimento  
livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Edgar Pereira Coelho

Telefone: (31) 3899-1384

E-mail: edgar.coelho@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você  
poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

[www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br)

## TERMO DE ASSENTIMENTO

Este termo de consentimento segue a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Trocando saberes e construindo conhecimentos: a participação do jovem do campo na Troca de Saberes” como voluntário (a). Nesta pesquisa pretendemos acompanhar como você pensa a educação e a construção do conhecimento coletivo a partir da sua participação no evento Troca de Saberes. Na presente investigação você será convidado (a) a responder nove perguntas relacionadas com o tema da pesquisa. Contudo, ao responder as questões poderá haver o risco de constrangimento pelo fato de você vir a se sentir pessoalmente exposto (a) em algumas discussões que possam vir a acontecer. Para evitar tal constrangimento, informamos que o seu nome será omitido e substituído por um pseudônimo a fim de que sua privacidade seja preservada. Você também poderá se negar a responder quaisquer das perguntas, caso não se sinta confortável. As anotações das possíveis discussões que possam emergir serão arquivadas sob a responsabilidade do pesquisador principal desta pesquisa e serão divulgadas apenas em trabalhos científicos. Acreditamos que os resultados da presente pesquisa trarão benefícios ao estudante no sentido de que as discussões poderão favorecer um melhor autoconhecimento a respeito de suas escolhas acadêmicas e profissionais e também favorecer uma problematização em torno do evento. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, sendo que tem garantida a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento de participação na pesquisa em qualquer fase da mesma, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você será atendido (a) pelo pesquisador. Caso queira entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa, poderá fazê-lo pelo telefone (31) 3899-1384 ou pelos seguintes e-mails: [edgar.coelho@ufv.br](mailto:edgar.coelho@ufv.br); [fernandafernandesufv@gmail.com](mailto:fernandafernandesufv@gmail.com). Qualquer dúvida a respeito de procedimentos éticos, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, pelo telefone (31) 3899-2492 ou pelo e-mail: [cep@ufv.br](mailto:cep@ufv.br).

Eu, \_\_\_\_\_,  
contato \_\_\_\_\_, fui informado(a)  
dos objetivos da pesquisa “Trocando saberes e construindo conhecimentos: a  
participação do jovem do campo na Troca de Saberes de maneira clara e detalhada, e  
esclareci minhas dúvidas. Sei que, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho  
Nacional de Saúde, a qualquer momento poderei solicitar novas informações e  
modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro, assim, que concordo  
em participar da pesquisa e que recebi uma via original deste termo de consentimento  
livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Edgar Pereira Coelho

Telefone: (31) 3899-1384

E-mail: edgar.coelho@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você  
poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

(norteadora)

1. Quantas vezes você participou da Troca de Saberes?
2. Por que você participou ou participa da Troca de Saberes?
3. A participação na Troca de Saberes tem alguma relevância na sua formação pessoal?
4. Enquanto estudante de EFA, qual a relação existente com a troca de saberes?
5. Durante as trocas de saberes você participou de alguma instalação pedagógica, relate sua experiência.
6. A metodologia utilizada pela Troca de Saberes traz algum favorecimento à vida escolar na EFA?
7. A metodologia utilizada pela Troca de saberes facilita o diálogo entre os estudantes de EFAs e os diferentes grupos envolvidos com a Troca, exemplifique.
8. Qual o sentimento que prevalece ao final de sua participação na Troca de Saberes?